



Em nome dos
soldados da
nossa terra! 



Agradecimentos

À professora **Graça Castro**, por ser tão boa a ensinar como foi a orientar-nos e a motivar-nos durante todo o processo.

A **Carlos Sousa**, um homem extraordinário, cujo conhecimento e ajuda foram vitais para a realização deste projeto, fica aqui o nosso eterno agradecimento por toda a informação que nos forneceu e por ter acreditado em nós.

À **Fundação Vox Populi** por lançar este desafio.

A todos os **nossos colegas** que, de forma mais direta ou indireta, contribuíram para a realização deste trabalho.

Índice Geral

Índice de Imagens	4
Índice de Tabelas.....	5
Índice de Gráficos.....	6
Introdução.....	7
Capítulo 1 - Metodologia.....	8
Método do estudo de caso	8
Técnica de inquérito por questionário.....	8
Objetivos	9
Universo	10
Amostra.....	10
Pré- teste.....	11
Capítulo 2 - Enquadramento Teórico do Estudo	13
1. Os antecedentes.....	13
1.1 O Nacionalismo	14
1.2 O imperialismo	14
1.3 A concorrência económica.....	14
1.4 Formação de Alianças	15
1.5 As Guerras Balcânicas e o atentado de Sarajevo	15
2. A eclosão da guerra.....	16
3. O desfecho	17
4. A participação portuguesa	18
4.1 Fim da neutralidade Portuguesa	20
4.2 Instrução em França.....	26
4.3 Viver nas trincheiras.....	27
4.4 A destruição da 2.ª Divisão e a batalha de La Lys	31
4.5 O Fim da Guerra para os Portugueses.....	34
5. A história do Regimento de Infantaria n.º 20 de Guimarães	36
5.1 O estandarte do 20 perdido nos destroços da Batalha.....	39
6. Entrevista a Carlos Sousa	40
Capítulo 3 - “Muito prazer em conhecê-lo...”	44
Álvaro Machado – 2.º Sargento de Infantaria.....	44
Joaquim Magalhães – 2.º Sargento.....	45
José Marcelino Barreira – Coronel	46

Silvestre José Barreira - Tenente	47
Alcino da Costa Machado – Coronel	48
Capítulo 4 - Análise dos Resultados	49
Caracterização da amostra.....	50
Análise das questões.....	53
Principais conclusões	60
Conclusão	62
Anexos.....	65

Índice de Imagens

Imagem n.º 1. Regimento de Infantaria 20 antes de partir para França, no quartel do Proposto. Fonte: Sousa, Carlos. (2015). O 20 de Guimarães na Primeira Grande Guerra (1914-1918). In Boletim de Trabalhos Históricos, Guimarães, Arquivo Municipal Alfredo Pimenta, Série III, Vol IV, p. 79	20
Imagem n.º 2. Sidónio discursa e comunica à multidão, em Belém, o telegrama dos reis de Inglaterra felicitando Portugal por ter alinhado com os aliados na guerra. Fonte: Vieira, Joaquim. Portugal século XX Crónica em imagens 1910-1920, Lisboa, Círculo de Leitores, 1ª edição, Abril 1999, p. 195.....	21
Imagem n.º 3. Batalhão do Regimento de Infantaria Nº20 a caminho da estação ferroviária de Guimarães. In Ilustração Portuguesa, nº592 de 25 de junho de 1917, p.504. Fonte: Sousa, Carlos. (2015). O 20 de Guimarães na Primeira Grande Guerra (1914-1918). In <i>Boletim de Trabalhos Históricos</i> , Guimarães, Arquivo Municipal Alfredo Pimenta, Série III, Vol IV, p. 78... 22	22
Imagem n.º 4. Despedida do batalhão de Infantaria n.º 20 na estação de Guimarães. In Ilustração Portuguesa, nº592 de 25 de junho de 1917, p. 503. Fonte: Sousa, Carlos. (2015). O 20 de Guimarães na Primeira Grande Guerra (1914-1918). In Boletim de Trabalhos Históricos, Guimarães, Arquivo Municipal Alfredo Pimenta, Série III, Vol IV, p. 79	22
Imagem n.º 5. Soldados do CEP em posição de combate numa das muitas ruínas da Flandres. Fonte: Vieira, Joaquim. <i>Portugal século XX Crónica em imagens 1910-1920</i> , Lisboa, Círculo de Leitores, 1ª edição, Abril 1999, p. 192.	28
Imagem n.º 6. Soldados portugueses prisioneiros no campo alemão de Breesen in Mecklembourg, após o desastre da Batalha de La Lys. Fonte: Vieira, Joaquim. <i>Portugal século XX Crónica em imagens 1910-1920</i> , Lisboa, Círculo de Leitores, 1ª edição, Abril 1999, p. 192. 34	34
Imagem n.º 7. Cemitério português na Flandres, um dos diversos locais onde são sepultadas as vítimas de La Lys. A derrocada de 9 de Abril é fatal para a existência do próprio CEP. Fonte: Vieira, Joaquim. <i>Portugal século XX Crónica em imagens 1910-1920</i> , Lisboa, Círculo de Leitores, 1ª edição, Abril 1999, p. 192.	34
Imagem n.º 8. Recuperação de um dos estropiados da Flandres. Por cada morto há dois feridos. Fonte: Vieira, Joaquim. <i>Portugal século XX Crónica em imagens 1910-1920</i> , Lisboa, Círculo de Leitores, 1ª edição, Abril 1999, p. 193.	35

Imagem n.º 9. Os leitores assaltam os carros que trazem os jornais com as primeiras notícias da assinatura do armistício (novembro de 1918). Fonte: Fonte: Vieira, Joaquim. <i>Portugal século XX Crónica em imagens 1910-1920</i> , Lisboa, Círculo de Leitores, 1ª edição, Abril 1999, p. 195.	36
Imagem n.º 10. Logo que se sabe do fim da guerra, forma-se em Lisboa um cortejo que vai às legações aliadas e depois ao palácio de Belém. Fonte: Fonte: Vieira, Joaquim. <i>Portugal século XX Crónica em imagens 1910-1920</i> , Lisboa, Círculo de Leitores, 1ª edição, Abril 1999, p. 196.	36
Imagem n.º 11. Quartel do Proposto, casa do Regimento de Infantaria n.º 20 de Guimarães. Fonte: Sousa, Carlos. (2015). O 20 de Guimarães na Primeira Grande Guerra (1914-1918). In <i>Boletim de Trabalhos Históricos</i> , Guimarães, Arquivo Municipal Alfredo Pimenta, Série III, Vol IV, p. 79	37
Imagem n.º 12. Louvor oferecido ao Regimento de Infantaria Nº20 na sequência do combate de Fauquissart, travado a 12 de março de 1918. Fonte: Sousa, Carlos. (2015). O 20 de Guimarães na Primeira Grande Guerra (1914-1918). In <i>Boletim de Trabalhos Históricos</i> , Guimarães, Arquivo Municipal Alfredo Pimenta, Série III, Vol IV, p. 78	38
Imagem n.º 13. Lápide onde constam os nomes de alguns dos soldados vitimados durante a Grande Guerra, localizada no cemitério da Atouguia em Guimarães. Fonte: Sousa, Carlos. (2015). O 20 de Guimarães na Primeira Grande Guerra (1914-1918), In <i>Boletim de Trabalhos Históricos</i> , Guimarães, Arquivo Municipal Alfredo Pimenta, Série III, Vol IV, p. 80	39
Imagem n.º 14. Bandeira do Regimento de Infantaria Nº20 de Guimarães. Fonte: Sousa, Carlos. (2015). O 20 de Guimarães na Primeira Grande Guerra (1914-1918). In <i>Boletim de Trabalhos Históricos</i> , Guimarães, Arquivo Municipal Alfredo Pimenta, Série III, Vol IV, p. 82	39
Imagem n.º 15. Álvaro Machado, instrutor em França e encarregue da função de observador do inimigo durante a Primeira Guerra Mundial. Fonte: fotografia privada fornecida por Carlos Sousa.	41
Imagem n.º 16. Caderneta militar de Álvaro Machado. Fonte: fotografia privada fornecida por Carlos Sousa.	42
Imagem n.º 17: Álvaro Machado, 2º sargento de infantaria. Fonte: Arquivo Municipal de Guimarães.	44
Imagem n.º 18: Joaquim Magalhães, 2º sargento. Fonte: Arquivo Municipal de Guimarães	45
Imagem n.º 19: José Marcelino Barreira, Coronel. Fonte: Arquivo Municipal de Guimarães	46
Imagem n.º 20: Silvestre José Barreira, Tenente. Fonte: Arquivo Municipal de Guimarães	47
Imagem n.º 21: Alcínio da Costa Machado, Coronel. Fonte: Arquivo Municipal de Guimarães	48

Índice de Tabelas

Tabela 1: População residente (Nº) por Local de residência (NUTS -2002), Sexo e Grupo etário (Por ciclos de vida); Anual	101
Tabela 2: Total das Forças Mobilizadas para os teatros de Guerra da Europa e África (1914-1918)	234
Tabela 3: Relação do pessoal Mobilizado para o CEP	245
Tabela 4: Horário de Instrução do CEP (França)	2826

Índice de Gráficos

Gráfico 1: Amostra por género. N=250.....	51
Gráfico 2: Amostra por faixa etária. N=250	52
Gráfico 3: Amostra por grau académico. N=250.....	52
Gráfico 4: Amostra por freguesia de residência. N=250	53
Gráfico 5: Percentagem de conhecimento relativo à participação de Guimarães na Primeira Guerra Mundial. N=250.....	54
Gráfico 6: Forma de recolha de conhecimento relativo ao envolvimento de Guimarães na Primeira Guerra Mundial. N=94	54
Gráfico 7: Nome da unidade militar correspondente à cidade de Guimarães, que integrou o CEP (1914-1918). N=250	55
Gráfico 8: Percentagem de interesse relativo à participação dos soldados de Guimarães na Primeira Guerra Mundial. N=250.....	56
Gráfico 9: Aproximadamente quantos soldados vimaranenses integraram o CEP? N=250	56
Gráfico 10: Qual o nome da batalha que vitimou a maioria dos soldados vimaranenses? N=250	57
Gráfico 11: Sabe onde se localiza o memorial aos combatentes de Guimarães que participaram na Primeira Guerra Mundial? N=250	58
Gráfico 12: Localização do memorial. N=27.....	58
Gráfico 13: Dos seus antepassados sabe se algum elemento participou na Primeira Guerra Mundial? N=250.....	58
Gráfico 14: Percentagem de indivíduos que guardam consigo algum testemunho da participação do seu familiar na Primeira Guerra Mundial. N=12	59
Gráfico 15: Tipo de testemunho guardado pelos entrevistados. N=7	60

Introdução

Este trabalho está inserido no âmbito da disciplina de História A e inscreve-se no projeto NEPSO – Escola Opinião “Do Soldado Desconhecido ao Soldado Conhecido”, patrocinado pela Fundação Vox Populi, em celebração do centenário da Primeira Guerra Mundial.

A estória de como este trabalho veio até nós e dos motivos que nos levaram a decidir abraçá-lo é importantíssima e tem de ser partilhada: começamos por ser atraídos pelo tema – capaz de nos fornecer conhecimentos enriquecedores, não só ao nível da história e da sociologia, mas também de outras disciplinas que se vão interlaçando no trabalho – e pela oportunidade de desenvolvermos a metodologia de investigação científica e o contacto interpessoal, valências capazes de nos fazer crescer a nível pessoal e de nos proporcionar uma bagagem de ferramentas para o futuro.

Contudo foi só na nossa primeira viagem de investigação que tivemos a oportunidade de nos cruzar com um homem de entusiasmo inigualável, que nos fez levar a cabo este trabalho com um propósito maior. Este homem foi amigo de um combatente vimaranense da Primeira Guerra Mundial e desde a sua morte, veio a desenvolver uma investigação autodidata sobre o tema, possuindo um espólio de conhecimento superior ao de muitos e talvez uma paixão pelo Regimento de Infantaria nº 20 de Guimarães, superior à de todos.

“Em nome dos soldados da nossa terra!” – foi o nome escolhido para o nosso trabalho, após termos sido contagiados pela paixão deste homem que nos incentivou a querer homenagear não só o seu amigo, mas todos os mil heróis da cidade de Guimarães que partiram para a Flandres.

Pretendemos, assim, evidenciar a notoriedade do conflito entre os vimaranenses e saber a sua opinião acerca da evolução do mesmo, bem como apurar se existe ligação direta ou indireta entre os inquiridos e os soldados de Guimarães, tendo sempre como meta final, honrar a memória dos soldados da nossa terra. Para isso, e após um estudo prévio de enquadramento, recolheremos as informações necessárias à nossa pesquisa através de inquéritos por questionário, aplicados a indivíduos de diferentes faixas etárias da cidade de Guimarães.

O nosso projeto organizar-se-á da seguinte forma:

No 1.º Capítulo, iniciaremos com um enquadramento teórico do tema, onde apresentaremos resumidamente o episódio da Primeira Guerra Mundial, as suas causas, consequências e desenvolvimentos no mundo e em Portugal, em particular.

No 2.º Capítulo, iremos enunciar os objetivos do estudo e passaremos à apresentação do universo e da amostra por nós definida, bem como do pré-teste realizado. Explicaremos ainda a metodologia e os instrumentos que usamos e que nos permitiram obter um conhecimento científico.

No 3.º Capítulo daremos a conhecer alguns homens que integraram o Regimento de Infantaria nº20 e partiram para a Primeira Guerra Mundial, fazendo jus ao tema “Do Soldado Desconhecido ao Soldado Conhecido”.

No 4.º capítulo apresentaremos a informação que recolhemos através dos inquéritos e procederemos à análise e ao comentário da mesma.

Após a recolha de informação e da análise dos dados, iremos tirar conclusões acerca da temática, tentando compreender se conseguimos dar resposta aos nossos objetivos.

Capítulo 1 - Metodologia

Neste capítulo poderemos encontrar especificados todos os instrumentos e ferramentas por nós utilizados que nos permitirão investigar e concluir com sucesso o nosso estudo. A metodologia, ou seja a “parte da lógica que estuda os métodos das diversas ciências, segundo as leis do raciocínio”¹, tem de ser escolhida com cuidado de modo a adequar-se à especificidade do estudo realizado. Nesta linha, iremos utilizar o método do estudo de caso e a técnica de inquérito por questionários para a realização do nosso trabalho de investigação e passaremos a apresentá-los em seguida.

Método do estudo de caso

Com este método “entende-se o plano, o esquema ordenador, a estratégia com que o investigador aborda os problemas que estuda.”²

Em Ciências Sociais, existem três métodos básicos de investigação empírica, a saber: o método experimental, o método de medida e o método de caso que será por nós utilizado.

“O método de estudo de casos consiste no exame intensivo, tanto em amplitude como em profundidade, e utilizando todas as técnicas disponíveis, de uma amostra particular, selecionada de acordo com determinado objetivo (ou, no máximo, de um certo número de unidades de amostragem) de um fenómeno social, ordenando os dados resultantes por forma a preservar o carácter unitário da amostra, tudo isto com a finalidade última de obter uma ampla compreensão do fenómeno na sua totalidade.”²

Este método permite assim compreender profundamente e detalhadamente uma realidade concreta ou um fenómeno social, caracterizando-se pela sua grande amplitude capacidade de inquirição.

Técnica de inquérito por questionário

Raramente é estabelecida uma diferença entre “método de investigação” e “técnica de investigação” o que não é correto, pois existe diferença entre eles e, embora estejam subordinados um ao outro, dificilmente são sinónimos.

As técnicas de investigação consistem em “manipulações físicas e mentais utilizadas para a recolha e a análise dos dados requeridos pelo estudo”². A técnica consiste assim na aplicação prática do método, é a ferramenta usada para pôr o plano metodológico em prática. Já vimos que o método por nós utilizado será o método do

¹ Cf. Dicionário Ilustrado da Língua Portuguesa, 2001, Porto editora, Porto, consultado em 04/05/2016.

² Cf. Ernest Greenwood, *Métodos de investigação empírica em sociologia*, Fonte: <http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1224164262K2IAE9wd1Ui39AM8.pdf>, consultado em 04/05/2016.

estudo de caso e que a técnica por nós utilizada será a técnica de inquérito por questionário.

"Em ciências sociais, o inquérito é uma pesquisa sistemática e o mais rigorosa possível de dados sociais significativos, a partir de hipóteses já formuladas, de modo a poder fornecer uma explicação." – Alain Birou - *Dicionário de Ciências Sociais*

Um questionário consiste, portanto, numa sequência de perguntas dirigidas a um conjunto de indivíduos pretendendo obter informações sobre as suas características ou opiniões acerca de determinado(s) assunto(s). Após a aplicação do inquérito, este permite ao inquiridor retirar informações estatísticas dele, descobrindo padrões, regularidades ou irregularidades, encontrando explicação para determinados fenómenos e compreender determinada realidade.

Na sua maioria, os inquéritos serão aplicados sob a forma de administração indireta, já que seremos nós os inquiridores, a formular as perguntas e a registar as respostas do inquirido.

Objetivos

Para o nosso trabalho “Em nome dos soldados da nossa terra!” temos vários objetivos definidos, uns de abrangimento geral e outros de carácter mais detalhado. Em cada um deles insere-se sempre a meta final de enaltecer a memória dos heróis vimaranenses que lutaram pela nossa pátria. Passaremos de seguida a enunciá-los:

- ✓ Evidenciar a notoriedade do conflito entre os vimaranenses;
 - Perceber o que é que os vimaranenses sabem relativamente à Grande Guerra e ao envolvimento da sua terra, em particular, no conflito;
 - Perceber qual a faixa etária que possui um grau mais elevado de conhecimento;
- ✓ Saber a opinião sobre a evolução do conflito;
 - Saber se os vimaranenses consideram importante homenagear a memória dos soldados da sua terra;
 - Saber se Guimarães tem feito um bom trabalho no que diz respeito a enaltecer a memória dos soldados vimaranenses;
- ✓ Conhecer se existe ligação direta ou indireta entre os inquiridos e os soldados de Guimarães;
 - Saber até que ponto ainda existem descendentes de ex-combatentes na população vimaranense;
 - Tentar encontrar descendentes de ex-combatentes e entrevistá-los, de modo a recolher histórias e testemunhos acerca do conflito;
- ✓ Honrar a memória dos soldados da nossa terra;
 - Mostrar as características particulares dos nossos soldados e evidenciar o seu comportamento durante o conflito;
 - Chamar a atenção para o envolvimento de Guimarães na Grande Guerra e para a importância de manter viva a memória dos nossos soldados, através de homenagens e cerimónias.

Universo

O universo do nosso estudo são todos os habitantes da cidade de Guimarães, do sexo feminino e masculino, com idades compreendidas entre os 15 e os 65 ou mais anos de idade.

A escolha deste universo, relativamente ao local, prende-se com o facto de estarmos a incidir o nosso trabalho de investigação sobre os soldados da nossa terra, que é Guimarães, logo só faria sentido a escolha desta mesma cidade como palco do nosso universo.

Decidimos também incluir os dois géneros de forma a obtermos um universo mais justo e equilibrado e porque poderemos, assim, descobrir se o género é ou não um fator fundamental de diferenciação de conhecimento/opinião face ao tema.

A escolha da faixa etária prende-se com o fato de acreditarmos ser um intervalo perfeito que abrange todos os indivíduos que possam efetivamente estar familiarizados com o tema, quer por terem tido contacto com alguém que vivenciou diretamente o conflito abordado nas faixas etárias mais envelhecidas, quer pela divulgação de escolas ou outras instituições nas faixas etárias mais jovens. A dimensão abrangente do intervalo permitir-nos-á ainda tirar conclusões acerca da diferenciação de opiniões nas diferentes faixas etárias.

As informações relativas ao universo em estudo encontram-se mais detalhadas no seguinte quadro:

Local de residência (NUTS – 2002)	Período de referência dos dados	Tabela 1: População residente (Nº) por Local de residência (NUTS -2002), Sexo e Grupo etário (Por ciclos de vida); Anual							
		Sexo							
		H				M			
		Grupo Etário (Por ciclos de vida)							
		Total	15-24 anos	25-64 anos	65 e mais anos	Total	15-24 anos	25-64 anos	65 e mais anos
Nº	Nº	Nº	Nº	Nº	Nº	Nº	Nº		
Guimarães	2013	75 561	9 813	44 554	9 540	80 749	9 251	47 365	13 124

Tabela adotada dos dados estatísticos do Instituto Nacional de Estatística

Amostra

Uma amostra é uma parte do universo sobre a qual irá incidir o estudo pretendido. Devido à incapacidade de chegar a todos os elementos do nosso universo, dada a escassez de tempo e de meios para tal, iremos recorrer precisamente à técnica de amostragem, mais precisamente à amostragem não aleatória por quotas.

Neste caso, devido à técnica de amostragem por nós escolhida, o perfil da nossa amostra será igual ao perfil do universo em estudo e proporcional a este, partilhando com ele as mesmas características.

O uso deste tipo de amostra compreende dois estágios:

1. Desenvolver as quotas de controlo da população;
2. Selecionar elementos da amostra com base na conveniência ou no julgamento.

Desta forma a nossa amostra será composta por 250 indivíduos de ambos os sexos repartidos entre três faixas etárias:

- Dos 15 aos 24 anos de idade;
- Dos 25 aos 64 anos de idade;
- 65 e mais anos de idade.

Os 250 indivíduos serão entrevistados em 25 postos diferentes onde, em cada um, serão realizados 10 inquéritos – cinco a homens e cinco a mulheres.

Pré- teste

Um pré-teste de um questionário consiste na sua primeira aplicação a um grupo restrito de indivíduos de forma a identificar possíveis gralhas e perceber o que precisa de ser alterado na versão preliminar. De seguida procede-se à reestruturação do questionário por inquérito, obtendo uma versão final, pronta a ser aplicada com o máximo de rigor e objetividade.

A aplicação de um “pré-teste” é assim fundamental para o futuro sucesso da aplicação do inquérito por questionário, à amostra.

A opinião de outras pessoas, exteriores ao trabalho, é fundamental já que possuem um olhar mais atento e crítico do que alguém que está constantemente envolvido no trabalho e tão de forma submergido neste que não consegue observá-lo minuciosamente de um ponto exterior. Nesta linha de pensamento, após a elaboração do questionário, o nosso grupo aplicou-o a um total de 150 vimaranenses selecionados por nós aleatoriamente.

Após a aplicação deste teste, conseguimos identificar a ambiguidade e a falta de clareza de algumas perguntas, que eram correntemente de difícil compreensão por parte dos inquiridos. Neste sentido, muitas delas foram corrigidas e outras simplesmente eliminadas, pela sua não-pertinência, do inquérito final.

Foi-nos chamada a atenção de que ao longo do inquérito usávamos demasiadas expressões diferentes para nos referirmos à Primeira Guerra Mundial, sendo que nalgumas perguntas encontrava-se escrito o termo “Grande Guerra” e noutras o termo “Primeira Guerra Mundial”. Apesar de ser teoricamente correta a utilização de ambos, decidimos optar pelo uso exclusivo de “Primeira Guerra Mundial” na formulação das perguntas de forma a tornar o inquérito mais homogéneo e claro.

A pergunta n.º 11 “Considera que a Bandeira do Regimento de Infantaria de Guimarães deveria estar disponível para ser observada pelos vimaranenses?” acabou por ser eliminada do inquérito, dado que notamos que a maior parte das pessoas não tinha sequer ouvido falar da dita bandeira. Achamos, porém, este facto bastante

curioso e optamos por abordar a história da Bandeira do Regimento de Infantaria de Guimarães noutra secção do trabalho.

Foi na pergunta n.º 13 “Como consideraria o conhecimento possuído pela generalidade dos vimaranenses, acerca da participação dos nossos soldados na I Guerra?” que notamos a maior dificuldade de compreensão por parte das pessoas. Analisamos a sua pertinência no inquérito e resolvemos removê-la, já que seremos nós mesmos através das restantes perguntas do inquérito a tirar conclusões quanto a essa questão.

Outras perguntas sofreram diversas alterações, como será possível observar pela comparação do pré-teste e do inquérito que se encontram em anexo; porém, estas foram as que achamos mais pertinente mencionar.

Além da desadequação de algumas perguntas, tivemos a oportunidade de perceber que os objetivos do nosso questionário foram bastante bem compreendidos pelos inquiridos que declararam a generalidade das perguntas acessíveis (embora com as exceções já mencionadas).

Podemos concluir que a aplicação do pré-teste foi fundamental para termos uma primeira ideia do que é o contacto interpessoal e adquirirmos experiência no que toca à abordagem social, mas mais ainda, serviu-nos como base para elaborarmos um inquérito com o máximo de correção científica e objetividade que, com certeza, nos garantirá resultados muito mais eficazes.

Capítulo 2 - Enquadramento Teórico do Estudo

Foi há cem anos que o mundo se viu envolvido numa guerra nua e crua, sangrenta e massificada. O conflito eclodiu a 28 de julho de 1914 com a Áustria-Hungria a declarar guerra à Sérvia e o Armistício só veio a ser assinado quatro anos depois, a 11 de novembro de 1918.

Portugal junta-se ao conflito no teatro europeu a 9 de março de 1916 com a declaração de guerra por parte da Alemanha e daqui partem mais de cem mil homens, dos quais mil pertenciam ao Regimento de Infantaria n.º 20 da nossa cidade de Guimarães. Destes, foram cerca de oito mil os heróis portugueses que se despediram da vida no campo de batalha e, dos vimaranenses então, apenas um ínfimo número regressou.

Neste “Enquadramento teórico do estudo”, pretendemos mostrar a forma como o conflito foi sentido pelos portugueses. Não só o que foi sentido na pele dos governantes, dos comandantes ou na pele daqueles de quem toda a gente recorda o nome, mas queremos mostrar, também, como o conflito foi sentido na pele de todos aqueles *Zés*, *Antónios* e *Afonso*s de que ninguém ouviu falar. Queremos mostrar como sentiu o conflito, não quem dava a cara no papel ou na revista, mas quem deu efetivamente o corpo e a vida nas trincheiras. Vamos focalizar o enquadramento, sempre que tal se justificar, nos heróis desconhecidos do Regimento de Infantaria n.º 20 de Guimarães, que corresponde ao Regimento de Infantaria da nossa terra, mais tarde enquadrado na Brigada do Minho pertencente à 4.ª Brigada que integrou na 2.ª Divisão comandada pelo General Gomes da Costa³.

Ora é de todo justo que comecemos pelo princípio. Se vamos estudar as repercussões que a Primeira Guerra Mundial teve na nossa cidade, então parece-nos extremamente importante saber primeiro como tudo começou.

1. Os antecedentes

Na segunda metade do século XIX e inícios do século XX, a Europa vivia um clima de “paz armada” caracterizado por rivalidades e tensões entre os Estados. O frágil equilíbrio europeu era constantemente ameaçado pelo confronto de interesses das diferentes nações europeias.

Desta forma, as origens da Primeira Guerra Mundial foram mais do que muitas, umas imediatas, outras de natureza mais complexa, de carácter político, social, económico e militar.

³ Foi um importante militar e político português. A nível político foi o décimo Presidente da República Portuguesa e o segundo da Ditadura Nacional. Enquanto militar, destacou-se nas campanhas de pacificação das colónias, em África e na Índia, e ainda na Primeira Guerra Mundial.

1.1 O Nacionalismo

O sentimento nacional tornou-se numa força política que foi ganhando adeptos entre muitos estados europeus. Conforme os casos, cada grupo vai-se concebendo como uma nação e aspirar à independência ou à união com os seus semelhantes.

Os Eslavos do Sul do Império reivindicam a independência e a unidade com a Sérvia, incentivados e protegidos pela Rússia, formando o pan-eslavismo. Em oposição, a Alemanha desejava criar um grande império unindo todos os países de origem germânica, formando assim o pangermanismo.

É de notar ainda o Revanchismo Francês. Havia um desejo por parte dos nacionalistas franceses de querer vingar a derrota sofrida na guerra franco-prussiana (1870-1871) e reaver as províncias da Alsácia e da Lorena, agora sob o risco de serem germanizadas.

O confronto entre o pan-eslavismo e o pangermanismo e o revanchismo francês foram alguns dos elementos condicionantes da Primeira Guerra Mundial.

1.2 O imperialismo

Era convicção veemente na altura que *para ser uma grande nação, ou que para continuar a sê-lo, é preciso colonizar*⁴. Contudo as terras disponíveis eram escassas e o número de pretendentes aumentara.

Consequentemente, surgiram choques de interesses entre os Estados Europeus e uma série de feridas abertas, nomeadamente na Itália e na Alemanha, descontentes com a partilha dos continentes africano e asiático.

1.3 A concorrência económica

Por volta de 1870, dá-se a industrialização das nações europeias. Há cada vez mais a vontade de produzir mais e mais rápido. A Grã-Bretanha encontrava-se na linha da frente, liderando a Revolução Industrial. Porém, por volta de 1900, a Alemanha ultrapassou países como a França e a Grã-Bretanha e os seus produtos desalojaram os produtos concorrentes em qualidade e preço.

O imperialismo económico e o capitalismo financeiro, característicos deste período em que a revolução industrial evoluía a todo o vapor, vão incitar a corrida aos monopólios de fornecedores e de mercados. Era necessário encontrar pessoas que consumissem os produtos, bem como fontes de matéria-prima para os fabricar. A disputa entre as nações europeias vai reavivar ainda mais o sentimento nacionalista e incentivar a rivalidade.

Note-se a frase proferida por Lenine a este respeito: *o desenvolvimento industrial e a concentração do capital conduz inevitavelmente à partilha do mundo, à anexação de territórios ou à guerra*⁵.

⁴ Joll, James, A Europa desde 1870. Ed. DOM Quixote p.129.

⁵ Lenine, O Imperialismo, estágio supremo do capitalismo, brochura de 1916.

1.4 Formação de Alianças

A Alemanha, pretendendo isolar a França, constitui, em 1873, uma coligação com a Áustria e a Rússia formando a Liga dos Três Imperadores. Esta coligação vem a desfazer-se com a saída da Rússia e é depois fortalecida com a entrada da Itália (1882), rival da França no Mediterrâneo, passando com esta troca a denominar-se a Tripla Aliança.

A Entente Cordiale tem origem num acordo entre o Reino Unido e a França, feito em 1904, em resposta às intenções expansionistas da Alemanha. Em 1907, passa a denominar-se Tríplice Entente com a integração da Rússia.

1.5 As Guerras Balcânicas e o atentado de Sarajevo

A Bósnia-Herzegovina encontrava-se sob domínio da Áustria-Hungria desde 1878, mas era ligada etnicamente e culturalmente ao reino independente da Sérvia. Este reino tinha, desde 1903, uma monarquia altamente nacionalista e desejava reestabelecer as fronteiras do antigo Império Sérvio do século XIV.

A 28 de junho de 1914, o Arquiduque Francisco Fernando, herdeiro do trono Austro-húngaro, decide deslocar-se a Sarajevo com o intuito de demonstrar força na capital Bósnia. Acaba por ser assassinado juntamente com a duquesa, por Gavrilo Princip que, simbolicamente, dispara o primeiro tiro da Primeira Guerra Mundial. Princip era um estudante sérvio, membro da associação secreta *Mão Negra* e apenas um dos conspiradores que pretendiam a libertação de todos os Jugoslavos da Áustria-Hungria, para que pudessem alcançar a independência na união com a Sérvia.

Assim confirmada a intervenção Sérvia no atentado, a Áustria tinha agora a oportunidade, há muito desejada, de “cair em cima” da Sérvia. Contudo, tal só seria possível se houvesse apoio militar da Alemanha, dada a inevitável intervenção da Rússia, protetora dos eslavos. Confirmado o apoio militar, o governo austro-húngaro envia um ultimato à Sérvia⁶, que se mostra relutante em cumprir as exigências.

Posto isto, a 28 de julho de 1914, um mês após o atentado, a Áustria-Hungria declara guerra à Sérvia e invade a província a 1 de agosto de 1914. Dois dias depois, um total de 35 Estados vão sendo, um a um, movidos pela força das Alianças e arrastados para um conflito à escala mundial.

⁶ O ultimato exigia a demissão imediata dos ministros suspeitos de envolvimento no atentado, o encerramento de alguns jornais nacionalistas que faziam propaganda contra a Áustria, bem como o fim das sociedades secretas e a perseguição a grupos terroristas.

2. A eclosão da guerra

A 28 de julho de 1914, a Áustria declara guerra à Sérvia.

Consequentemente, a Rússia junta-se aos sérvios, a Alemanha declara guerra à Rússia (1 de agosto 1914) e, dois dias depois, à França. A estratégia alemã, apoiada no plano Schlieffen, contava em conseguir dominar a França em apenas seis semanas, iniciando a invasão do país através da Bélgica, e depois conseguir dominar a Rússia.

“(…) sem subestimar o enorme potencial do exército russo, com seu suprimento de homens infinito, Schlieffen assumiu de maneira correta que levaria seis semanas ou mais para que os russos, efetivamente, mobilizassem suas forças, pobremente lideradas e equipadas. Levando a cabo sua teoria, Schlieffen concebeu uma estratégia para nocautear a França em aproximadamente seis semanas. Para realizar o feito, ele usaria toda a grande força armada alemã no oeste para formar um grupo de assalto poderoso contra Paris, deixando apenas o suficiente para segurar os russos no leste da Prússia enquanto estavam se mobilizando. Assim que a França fosse derrotada, os exércitos do oeste se virariam então para o leste para deter a ameaça russa. Para o ataque a França, Schlieffen determinou que era necessário fazê-lo pela Bélgica, por razões táticas e políticas.”⁷

Com a invasão da Bélgica, a Grã-Bretanha declara guerra aos Alemães, juntando-se ao conflito. Posteriormente a guerra vai também envolvendo outras nações: a Turquia entra do lado alemão; o Japão, interessado nas possessões alemãs no oriente, declara-se contra a ofensiva germânica, pondo a Ásia no mapa da guerra; também a Itália, que tinha inicialmente optado pela neutralidade, acaba por se juntar ao conflito ao lado dos Aliados sob a promessa de receber parte do território da Áustria e da Turquia.

Na frente ocidental, o avanço alemão prossegue em direção a Paris até que é oficialmente detido pelos franceses em setembro de 1914, na Batalha de Marne (1914).

A partir daí, os dois exércitos estabelecem uma linha de trincheiras e a guerra de movimentos dá lugar à guerra de posições.

Na frente oriental, o exército russo, apesar de numeroso, sofria pesadas derrotas do exército alemão. Uma rebelião militar levou à abdicação do czar Nicolau II e depois à instauração de um governo bolchevique que prometeu terra aos seus

⁷ Cf. <http://www.firstworldwar.com/features/plans.htm> , consultado em 17/04/2016.

camponeses e paz aos seus soldados. Foi nesta linha da Revolução Russa de 1917 que este país se retirou da guerra, através do Tratado de Brest-Litovsk com a Alemanha.

Em abril de 1917, os Estados Unidos declaram guerra a Alemanha, tomando o partido dos Aliados. Esta decisão foi tomada após o torpedeamento de um navio comercial americano por parte dos alemães, que, desde 31 de janeiro de 1917, tinham declarado guerra submarina total: qualquer navio mesmo que neutro, que se dirigisse para os portos da Grã-Bretanha, seria afundado sem dó. O principal objetivo dos EUA com a entrada na guerra era preservar o equilíbrio de poder na Europa, evitando uma possível hegemonia alemã nada favorável aos seus interesses político-económicos. Vale lembrar que a Entente era a responsável por grande parte das exportações americanas e uma vitória alemã significaria um abalo na economia do país.

Com a entrada dos EUA na guerra, o conflito fica desequilibrado e a derrota da Alemanha e seus aliados seria só uma questão de tempo.

3. O desfecho

O armistício⁸ entre a Rússia e a Alemanha permitiu a transferência para ocidente das melhores tropas alemães. Disto resulta uma grande ofensiva germânica na região da Flandres.

A 9 de abril, inicia-se a batalha de La Lys. Catorze divisões alemãs atacaram numa frente de dezasseis quilómetros, obrigando ao recuo dos ingleses e das tropas portuguesas. A luta prosseguiu durante dias, mas graças aos atos de bravura e capacidade de sofrimento demonstrada pelos nossos soldados e pelos soldados ingleses, os alemães acabaram por sair derrotados a 29 de abril.

A julho de 1918, as forças inglesas, francesas e norte-americanas lançam um ataque esmagador contra os alemães, obrigando-os a recuar definitivamente. Um a um, os aliados da Alemanha rendem-se.

Woodrow Wilson⁹, presidente dos EUA exige a saída de Kaiser Guilherme II¹⁰ do governo alemão. Este acaba por se refugiar na Holanda e a Alemanha proclama a República.

Assim chega ao fim a Primeira Guerra Mundial.

⁸ Tratado de Brest-Litovski assinado entre o governo bolchevique russo e as Potências Centrais (Império Alemão, Império Austro-Húngaro, Bulgária e Império Otomano) a 3 de março de 1918, em Brest, na atual Bielorrússia, no qual era reconhecida a saída da Rússia na Primeira Guerra Mundial.

⁹ Foi eleito presidente dos Estados Unidos da América duas vezes seguidas, ficando no cargo de 1912 a 1921. Foi portanto o presidente americano durante a Primeira Guerra Mundial e a figura chave por trás da Liga das Nações - fundada durante a Primeira Guerra Mundial para manter a paz internacional. Lutou por uma Alemanha livre e com condições para um desenvolvimento económico e democrático

¹⁰ Foi o último Imperador alemão e Rei da Prússia de 1888 até sua abdicação em 1918 no final da Primeira Guerra Mundial. Liderou o Império Alemão para uma política bélica que ficou conhecida internacionalmente como "Novo Rumo", culminando no seu apoio a Áustria-Hungria durante a crise política de julho de 1914 que levou à Primeira Guerra.

Em janeiro de 1919, iniciou-se a Conferência de Paris, onde nem os países vencidos nem a Rússia participaram das deliberações. É elaborado o Tratado de Versalhes. Aí declarava-se, entre outras coisas, a total culpabilidade da Alemanha pela guerra e como tal atribuía-se-lhe uma série de penalidades: perda de 1/7 do território; devolução da Alsácia e Lorena à França; entrega aos vencedores de todos os seus submarinos e navios; desmilitarização e redução do contingente dos exércitos; proibição de aviação militar e marinha de guerra; pagamento de uma indenização de 220 milhões de marcos, entre outras.

O tratado criou ainda a Liga das Nações que, no início, não contava com a participação da Alemanha e da Rússia e teria como objetivo principal manter a paz mundial. A Alemanha vergou-se perante o mundo e assinou o tratado em maio de 1919. Assim, pensava a Europa que poderia finalmente respirar de alívio.

Infelizmente, o final da Primeira Guerra Mundial só serviu para plantar as sementes da Segunda e, em 1939, rebentaria um novo conflito à escala mundial, tão ou mais vergonhoso do que o primeiro.

4. A participação portuguesa

A palavra “guerra” só tem peso para quem já a trouxe aos ombros e sabe o quanto é pesada. Para nós, os restantes, que só a conhecemos em imagens de noticiários ou em livros de história, ela nunca passará de um sussurro longínquo, facilmente suportável e rapidamente esquecível. Do tipo de sussurro que não se percebe bem, ao qual não conseguimos atribuir o verdadeiro significado.

Muito embora, na realidade, se possa assemelhar muito mais a um grito descoroçoado e endurecedor, do tipo que entra uma vez no corpo pelos ouvidos e se auto aprisiona dentro da alma, para nunca mais de lá sair.

No Portugal de 1916, também só se ouviam sussurros. Eram trazidos pelo jornal que, empurrado pelo vento, lá ia parar aos pés da padeira que pegava nele e lia as discretas notas de segunda página. Às vezes, as avós lá falavam umas com as outras, durante os passeios da *tardinha* daqueles que “andavam a combater lá longe”.

Mas era sempre “lá longe”... Até um dia em que, de tão longe, a guerra passou para tão perto e veio, indesejável mas inevitavelmente, bater à porta de Portugal.

Relativamente à intervenção portuguesa no conflito, monárquicos e republicanos adotaram opiniões opostas. Estas opiniões são bem perceptíveis nos jornais de época: tomemos atenção na edição de 18 de agosto, em que o editorial do jornal monárquico *O Comércio de Guimarães* escrevia:

“os primeiros a querer que vão, que partam para a guerra esses milhares de portugueses, se o reclama a honra, o prestígio, o interesse nacional (...) os reclama a Inglaterra, nossa fiel e nobre aliada.”

Já o semanário republicano *Alvorada*, na edição de 13 de agosto, escrevia:

“Há neutralidades que são perigosas como as há que são fecundas. (...) Também no nosso país uma ou outra opinião lamenta a atitude aberta e franca tomada pelo parlamento. Estes não teem razão, piis nem o nosso caso é o de Espanha, embora a letra dos tratados a tanto não obrigassem Portugal”.

Podemos então concluir que os democráticos (apoiantes do Partido Republicano Português de Afonso Costa¹¹), defendiam a intervenção no conflito em nome da aliança inglesa e também por interesse próprio; os evolucionistas, apoiantes do Partido Republicano Evolucionista de António José de Almeida, entendiam que uma intervenção só deveria ser feita se expressamente pedida pela Grã-Bretanha e que se devia combater em nome das colónias; os unionistas, apoiantes do Partido União Republicana de Brito Camacho e os machadistas, republicanos independentes de Machado dos Santos bem como os socialistas, opunham-se à guerra; os monárquicos radicais eram a favor da vitória alemã.

A opinião pública dividia-se assim entre o dever e não dever de Portugal, alusivo à participação na Grande Guerra.

Uma coisa em que tanto republicanos como monárquicos concordavam era na importância da preservação do Império Colonial. Ora, a Alemanha era certo que andava de olho nas possessões portuguesas ultramarinas no Sul de Angola e no norte de Moçambique. Aliás esta pretensão germânica andava a ser secretamente negociada com os ingleses, como nos dá conta Joaquim Vieira:

“Numa possível negociação de paz com os Aliados, a Alemanha conta ficar com Angola, o Norte de Moçambique, Cabo Verde, os Açores e a Madeira, o que a Inglaterra jamais impedirá se for derrotada.”¹²

Para defender as colónias portuguesas foram para aí enviados cerca de 50 000 homens. Podemos assim constatar que a Grande Guerra para Portugal começou muito antes da partida para o palco da Flandres.

As tropas alemães atacam o norte de Moçambique, a 25 de agosto, e Angola, a 19 de outubro de 1914. O primeiro contingente de tropas portuguesas parte em setembro de 1914. Outros se seguiram nos anos subseqüentes, entre os quais estavam soldados provenientes do Regimento de Infantaria n.º 20 de Guimarães, perfazendo um total de mil homens.¹³

¹¹ Afirmou-se como uma das mais importantes figuras do Partido Republicano., tendo sido Ministro da Justiça durante o mandato do governo Provisório Republicano e Primeiro-ministro em três governos. Corajoso e determinado, Afonso Costa foi um dos políticos mais radicais da I República e viria a ser afastado pelo golpe de Sidónio Pais em 1917.

¹² Cf. Joaquim Vieira, *Portugal Século XX*, Lisboa, Círculo de Leitores, 1999, p. 165.

¹³ Ver jornal *O Comércio de Guimarães* de 22 de janeiro, p.1 e 22 de outubro de 1915, p. 1. Fonte: Hemeroteca da Sociedade Martins Sarmento.

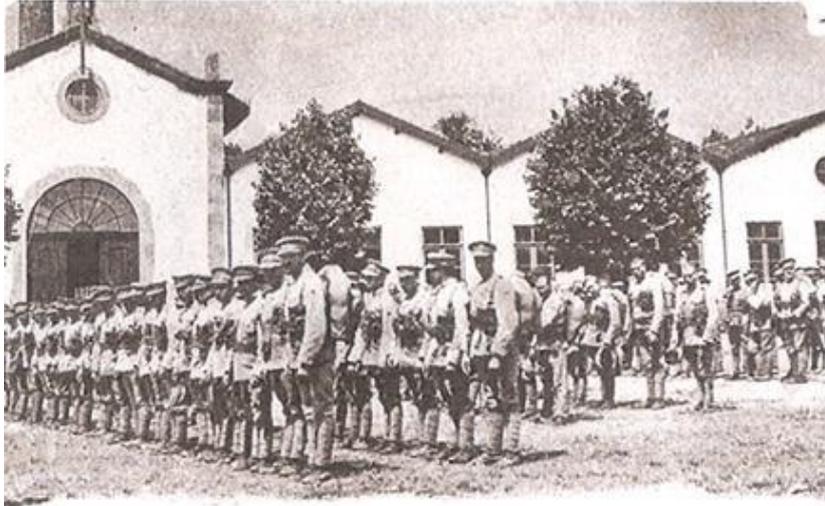


Imagem n.º 1. Regimento de Infantaria 20 antes de partir para França, no quartel do Proposto. Fonte: Sousa, Carlos. (2015). O 20 de Guimarães na Primeira Grande Guerra (1914-1918). In Boletim de Trabalhos Históricos, Guimarães, Arquivo Municipal Alfredo Pimenta, Série III, Vol IV, p. 79.

Bernardino Machado¹⁴, como representante do governo português, declara a neutralidade face ao conflito a 7 de agosto de 1914, mas reafirma a velha aliança com a Grã-Bretanha. A prudência que vem a caracterizar o país nesta primeira fase é pedida pela própria Inglaterra – a nossa “*velha aliada*”, já que o nosso país representaria mais um fardo para os ingleses do que propriamente uma vantagem, devido à condição financeira do país, à debilidade das nossas forças armadas e a questões políticas pendentes com Espanha. Assim, Portugal é convidado a juntar-se aos Aliados em outubro de 1914, mas ocupa apenas uma posição de prestação de serviços de apoio, não se encontrando preparado militar, económica ou politicamente para envergar num conflito de tão elevada escala.

4.1 Fim da neutralidade Portuguesa

Ao abrigo da neutralidade portuguesa, desde o início da guerra que navios de diversas nacionalidades entravam em portos portugueses.

No início de 1916, a Inglaterra pressiona Portugal a requisitar a frota alemã e austríaca que se encontrava ancorada na sua costa. A Alemanha não tarda a reagir e, a 9 de março de 1916, declara guerra a Portugal seguida, pouco tempo depois, pela Áustria.

¹⁴ Integra o Governo provisório presidido por Teófilo Braga, logo após a implementação da República. Vai ser eleito duas vezes para o cargo de Presidente da República, mas nunca completará qualquer dos mandatos. Da primeira vez será derrubado pelo golpe conduzido por Sidónio Pais, em 1917. Em 1926, é o presidente quando Mendes Cabeçadas e Gomes da Costa derrubam a I República.



Imagem n.º 2. Sidónio discursa e comunica à multidão, em Belém, o telegrama dos reis de Inglaterra felicitando Portugal por ter alinhado com os aliados na guerra. Fonte: Vieira, Joaquim. Portugal século XX Crónica em imagens 1910-1920, Lisboa, Círculo de Leitores, 1.ª edição, Abril 1999, p. 195.

Portugal tinha assim sido “obrigado” a entrar no conflito: fê-lo ao abrigo da aliança luso-inglesa e sob uma declaração oficial de guerra alemã. Porém, embora a explicação do governo para a entrada na guerra tenha sido a vontade de proteger as colónias em África de uma futura negociação entre a Grã-Bretanha e a Alemanha, Afonso Costa iria contar com um considerável apoio financeiro proveniente de Inglaterra “para comprar armas e trigo” após a entrada no conflito. Daí a expressão popular usada na altura pela oposição: “venda de soldados”.

A 24 de maio, o Ministro da Guerra, Norton de Matos, publica um diploma ordenando o recenseamento militar obrigatório de todos os cidadãos com idades compreendidas entre os 20 e os 45 anos.

Guimarães não passou ao lado desta decisão (não porque não o desejasse!) e a cidade não foi poupada aos medos e constrangimentos da guerra e, mais tarde, às suas duras mazelas. À chamada para o conflito, responderam cerca de mil soldados provenientes do Regimento de Infantaria n.º 20 da nossa terra.

A criação de um Corpo Expedicionário Português (CEP) e mais tarde de um Corpo de Artilharia Pesada Independente (CAPI) passou a ser a prioridade.

Decidiu-se usar Tancos para instrução das tropas. A Primeira Divisão de Instrução¹⁵, com cerca de 20 000 homens, foi entregue ao General Fernando Tamagnini de Abreu e Silva, a 15 de agosto. Em outubro, é a vez do Batalhão proveniente do Regimento de Infantaria n.º 20 de Guimarães se dirigir a Tancos como noticiado pelo jornal *A Capital*:

¹⁵ O Corpo Expedicionário Português (CEP) foi inicialmente composto por uma Divisão, a chamada Primeira Divisão de Instrução, e passou depois, por insistência portuguesa e aceitação inglesa, a ser constituído por duas Divisões, organizando-se num Corpo de Exército.

“As tropas que estão sendo concentradas em Tancos partiram de Braga, Guimarães e Viana do Castelo na melhor ordem, havendo à sua partida manifestações entusiásticas. Do batalhão que está em Guimarães faltaram apenas, dos 1000 homens que o constituem, 32, muitos dos quais ainda se apresentam por estes dias.”¹⁶



Imagem n.º 3. Batalhão do Regimento de Infantaria n.º 20 a caminho da estação ferroviária de Guimarães. In Ilustração Portuguesa, nº592 de 25 de junho de 1917, p.504. Fonte: Sousa, Carlos. (2015). O 20 de Guimarães na Primeira Grande Guerra (1914-1918). In *Boletim de Trabalhos Históricos*, Guimarães, Arquivo Municipal Alfredo Pimenta, Série III, Vol IV, p. 78.

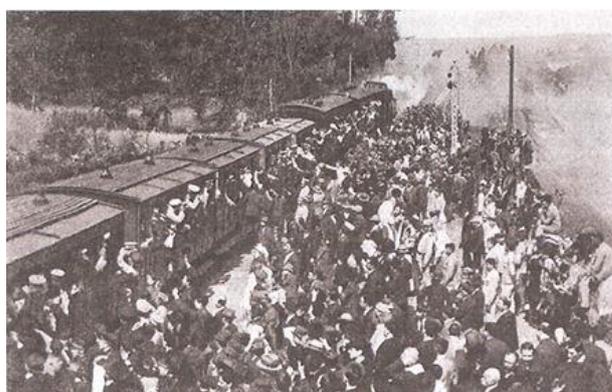


Imagem n.º 4. Despedida do batalhão de Infantaria n.º 20 na estação de Guimarães. In Ilustração Portuguesa, nº592 de 25 de junho de 1917, p. 503. Fonte: Sousa, Carlos. (2015). O 20 de Guimarães na Primeira Grande Guerra (1914-1918). In *Boletim de Trabalhos Históricos*, Guimarães, Arquivo Municipal Alfredo Pimenta, Série III, Vol IV, p. 79.

Apesar das condições adversas, como a inexperiência, a indisciplina severa de alguns homens e a falta de tempo e de meios, a instrução básica para a guerra estava concluída em poucos meses. Tancos surpreendeu fazendo ressaltar as capacidades do exército nacional, ao ponto de este facto começar a ser noticiado pela imprensa, e ficar para sempre conhecido, como o *Milagre de Tancos*.

Finda a instrução em Tancos, o ministro de negócios estrangeiros português Augusto Soares e o ministro britânico Lancelot Carnegie assinaram o Memorandum sobre as disposições para o emprego das forças portuguesas na zona britânica de operações, a 3 de janeiro de 1917, durante a convenção luso-britânica. Este documento foi talvez o mais importante a ser assinado, no que diz respeito ao nosso país, durante a Grande Guerra. Nele era concedido um certo grau de independência a Portugal, permitindo-lhe ser mais do que a sombra da Grã-Bretanha no conflito.

Os meses passaram-se e o inverno de 1916 trouxe consigo, para além da torrente de chuva, uma enorme torrente de ansiedade. E o frio veio ajudar a gelar o coração de milhares de homens que já estavam mobilizados e receavam o embarque para a Flandres.

¹⁶ Jornal A Capital de 7 de outubro de 1916, p.3. Fonte: Hemeroteca da Câmara Municipal de Lisboa.

Poucos foram os que partiram para a guerra de livre vontade, se é que houve alguns. Grande parte dos oficiais opunha-se à guerra, principalmente ao envio de tropas para o teatro europeu.

A resistência à mobilização fez-se sentir de forma intensa. Influenciados pelas mulheres (esposas, namoradas, mães), pela negatividade da imprensa anti-guerrista e pelo desânimo face à obrigatoriedade de abandonar a terra natal para ir servir de “carne para os canhões”, os soldados estavam desmotivados e receavam a aproximação da data de embarque. O soldado Pedro Freitas recorda a este respeito:

“A mobilização é palavra terrível na boca de todos. Por todas as esquinas e por todos os lugares públicos se vêem editais do Governo, com grandes letras e uma faixa transversal encarnada e verde, [...] chamando às fileiras.”¹⁷

O tantas vezes apelidado “pai da República” Machado Santos organizou inclusive um movimento, a partir de Tomar, para impedir a partida de tropas para França, a 13 de dezembro de 1916. Defendeu-se dizendo que “ (...) voltou a conspirar pela segunda vez para derrubar um governo que (...) ameaça derruir não só o regime, mas a própria Nacionalidade”.

Entretanto e mesmo contra a vontade de muitos, a data para o início do embarque do CEP é fixada para janeiro de 1917.

Nos quadros seguintes é possível ver o total de forças portuguesas que viriam a ser mobilizadas entre os anos de 1914-1918.

Tabela 2: Total das Forças Mobilizadas para os teatros de Guerra da Europa e África (1914-1918)¹⁸

	Oficiais	Sargentos	Praças	Praças indígenas	Total
CEP	3.376	3.051	48.658	0	55.085
CAP¹⁹	70	120	1.138	0	1.328
Angola (1914-1915)	387	403	11.640	6.000	18.430
Moçambique (1914-1918)	1.128		19.295	10.278	30.701
Soma	4.961	3.574	80.731	16.278	105.542

¹⁷ Pedro de Freitas, *As Minhas Recordações da Grande Guerra*, Lisboa, L.C.G.G., 1935, p.13.

¹⁸ Afonso, Aniceto, Gomes, Carlos Matos (2003). *Portugal e a Grande Guerra balanço estatístico*. Portugal Grande Guerra 1914-1918). Lisboa, Diário de Notícias, pp. 547-552.

¹⁹ Corpo Artilharia Pesada Independente.

Tabela 3: Relação do pessoal Mobilizado para o CEP²⁰

<i>Armas e Serviços</i>	Oficiais	Sargentos	Cabos	Soldados	Enfermeiras	Enfermeiros	Total
Infantaria	1.502	1.698	2.961	29.470			35.631
Artilharia	628	639	1.132	7.223			9.622
Engenharia	210	271	664	2.954			4.099
Cavalaria	125	222	227	1.629			2.203
Serviço de Saúde	475	163	311	978			1.927
Serviço de Administração Militar	240	58	103	1.006			1.407
Armada	1						1
Equiparados	114						114
Corpo de Estado-Maior	43						43
Cruz Vermelha	2				54	26	82
Secretariado	36						36
Soma	3.376	3.051	5.398	43.260	54	26	55.165

As tropas foram de comboio até Lisboa, desembarcaram na Estação de Santa Apolónia e marcharam para o porto de Alcântara, onde embarcariam enfim para França. No cais de embarque, não houve lugar a festa, a despedidas ou sequer a um beijo apaixonado como se vê nos filmes. Após uma longa espera de atraso na partida, os navios começaram finalmente a deixar o rio Tejo sem alguns militares que se recusaram a embarcar.

A viagem até Brest foi dura, marcada pela sobrelotação, falta de higiene, falta de condições de habitabilidade e crescente desorganização. A chegada à baía foi, portanto, vista com bons olhos pelos homens cansados que ansiavam pisar terra firme e sentir o acolhimento dos civis e das madrinhas de guerra francesas. No entanto, à semelhança da viagem, também o desembarque foi lento e desordeiro.

Levou cerca de um ano para que os 55 000 mobilizados portugueses pisassem o solo francês, levando a uma lenta e deficiente organização do CEP. Tal facto deveu-se à

²⁰ Afonso, Aniceto, Gomes, Carlos Matos (2003). Portugal e a Grande Guerra balanço estatístico. Portugal Grande Guerra 1914-1918). Lisboa, Diário de Notícias, pp. 547-552.

ausência de um transporte rápido e eficaz. Os ingleses disponibilizaram inicialmente sete dos seus navios para o transporte do CEP, mas viram-se obrigados a retirar os navios a Portugal para o transporte dos expedicionários, a partir de setembro de 1917.

Foi a 27 de maio, ainda antes da chegada do Batalhão de Infantaria n.º 20 à Flandres, que o coronel Adolfo Almeida Barbosa²¹ faz uma proposta ao comando do CEP. A proposta consistia na formação de uma única brigada que reunisse o Batalhão de Infantaria n.º 3 de Viana do Castelo, os Batalhões de Infantaria n.º 8 e n.º 29 de Braga e o Batalhão de Infantaria n.º 20 de Guimarães, todos pertencentes à 8.ª Divisão do Exército de guarnição do Minho. Entusiasmado com as qualidades dos homens da região norte de Portugal já muito divulgadas entre as milícias, o objetivo de Adolfo Almeida Barbosa teria sido formar uma brigada de elite, nascendo assim, após a aceitação da proposta, a 4.ª Brigada de Infantaria, mais conhecida como Brigada do Minho.

Enfim desembarcados em Brest e sem pausa para descanso, os militares seguiram numa viagem de comboio com duração de 3 dias rumo à zona da Flandres. Mais uma viagem marcada pela impossibilidade de higiene, pelo confinamento a um espaço apertado que atrofiava os membros e pelo sabor frio da comida. Dada a ordem de saída do comboio, aguardava ainda aos homens, muitos deles doentes e outros “apenas” cansados, uma longa caminhada até ao local de acampamento que poderia variar em distâncias de 10 a 30 quilómetros, percorridas muitas vezes com os pés em carne viva que escorregavam no gelo.

As unidades do CEP acantonaram-se pela região da Flandres, onde decorreram as operações militares.

Esta zona da França faz fronteira com a costa de dunas do Mar do Norte e caracterizava-se por ser bastante plana e pouco arborizada, pantanosa e pontualmente insalubre. Possuía uma rede de estradas macadamizadas que se encontravam desgastadas e enlameadas. Existia uma série de obstáculos no terreno, como uma rede de drenos e de canais de valas, que era um entrave ao bom movimento dos militares. A população era maioritariamente rural e ligada à agricultura distribuindo-se também depois por alguns núcleos urbanos. Os invernos eram gelados e os verões escaldantes.

A receção dos portugueses não foi inicialmente muito fácil, como nos dá a conhecer Gil Santos:

“De início os portugueses foram acolhidos pela população civil com muita reserva e desconfiança. (...) Os portugueses eram frequentemente confundidos com russos, polacos e ciganos, tidos naquelas paragens em muita má conta. Porém

²¹ Foi incorporado no Corpo Expedicionário Português a 22 de Abril de 1917 e assumiu interinamente o comando da 2.ª Divisão que compreendia as tropas da 1ª Divisão, até à chegada do general Simas Machado.

depressa se fizeram reconhecer, ganhando a confiança e a amizade dos franceses e até de muitas francesas.”²²

Foi atribuído ao CEP um setor localizado no sul da Flandres, no vale do rio Lys, entre Armentière a La Bassée e Merville a Béthune. A frente variou, de acordo com os condicionalismos da campanha militar, entre uma dimensão máxima de 11km e mínima de 4km. O setor português encontrava-se inserido na frente de batalha do I Exército britânico, localizando entre Armentières e Gravelle, com uma extensão de 55km, que se defrontava com o VI Exército alemão.

Antes de assumir a total responsabilidade do setor, as tropas portuguesas passaram por um período de instrução junto do exército inglês, após o qual se seguiria um período de estágio nas trincheiras.

4.2 Instrução em França

A instrução tinha como intuito preparar os militares para uma realidade de guerra de trincheiras que não teria sido devidamente ensinada em Tancos. As tropas foram assim integradas em batalhões ingleses e concentradas em campos de treino. A brevidade da permanência nos campos de treino e a pouca capacidade de comunicação dificultaram a aprendizagem das milícias portuguesas. Entre os nossos soldados apenas pontualmente se encontravam alguns homens que soubessem falar francês e o inglês era uma língua totalmente desconhecida e, infelizmente, a única falada pelas unidades britânicas.

O treino dos oficiais estava ligado à frequência de cursos especializados sobre armas e outros cursos que abrangiam a tática militar, o tiro em carreiras reduzidas, esgrima, gás, metralhadoras, granadas, construção e reparação de trincheiras. O treino das praças de pré consistia em aprender a montar e manejar um novo tipo de armas, como é o caso da espingarda inglesa Lee-Enfield, a metralhadora ligeira Lewis, os morteiros e as granadas de mão e de espingarda. Eram praticados diversos exercícios de ginástica, feitas longas marchas a pé com uma mochila carregada às costas e marchas mais curtas com o uso da máscara de gás. O horário diário de instrução do CEP em França pode ser observado no quadro abaixo.

Tabela 4: Horário de Instrução do CEP (França)²³	
Atividades	Horas
Alvorada	6
Limpeza Individual	6,15

²² Morgado dos Santos, Gil Manuel; Calvão Santos, Gil Filipe. *A Saga de Um Combatente na I Guerra Mundial, De Chaves a Copenhaga*, Lisboa, Âncora Editora, 2ª edição, Novembro 2014, p. 60.

²³ Pestana Marques, Isabel. *Das Trincheiras Com Saudade*, Lisboa, A Esfera dos Livros, 1ª edição, Março 2008, p. 83.

Limpeza dos acampamentos	6,45
Revista dos acampamentos	7,15
1.ª refeição (café)	7,20
Limpeza dos solípedes	7,30
Revista de saúde	8
Data de água	8,30
Ração	9
1.º tempo de instrução	9,11
2.ª refeição	11,30
2.º tempo de instrução	13,17
Ração	16
3.ª refeição	17,30
Limpeza do armamento e equipamento	18,30
Parada da guarda	19,30
4.ª refeição	20,30
Recolher	21
Silêncio	21,30

Os soldados do CEP foram assim submetidos a uma instrução intensa, marcada por um horário rigorosamente preenchido e depressa foi reconhecido pelos instrutores a capacidade de resistência, a enorme perícia e rápida capacidade de aprendizagem apresentada pelas tropas portuguesas e, em particular, pelos soldados da Brigada do Minho. Estes eram vistos como homens respeitadores da disciplina e do dever. Os comandantes consideravam que liderar esta brigada de soldados minhotos era uma honra, reconhecendo estas tropas como “(...) tropas em que o espírito de corpo tanto se manifestava, em que o cumprimento do dever era a sua aspiração única e em que os laços de disciplina sempre se manifestavam íntegros (...)”²⁴

O processo de instrução terminava com o tirocínio, que corresponde a um período de estágio de 48 horas na Linha da Frente para o “baptismo de fogo” das trincheiras. Os portugueses tinham agora a responsabilidade de defender o sector, mas dentro de um subsector da brigada britânica. Assim, em julho de 1917, as três brigadas da 1.ª Divisão ficam responsáveis por um sector sob o comando do XI Corpo de Exército Inglês. A Brigada do Minho, pertencente à 2.ª Divisão, foi enviada para as trincheiras, no dia 23 de setembro, e, a 11 de novembro, o general Tamagnini assumiu inteiramente o controlo do setor português.

4.3 Viver nas trincheiras

A frente portuguesa vai organizar-se em três linhas diferentes mas complementares, da seguinte forma:

²⁴ Testemunho de João Sinel de Cordes, transmitido por carta de fevereiro de 1923, ao coronel Eugénio Mardel, publicado na sua obra de 1923, p.19.

- 1.ª linha de defesa, composta por duas linhas de trincheiras:
 - Linha A –linha contínua e a mais próxima do inimigo, protegida por faixas de arame farpado.
 - Linha B – linha igualmente contínua e protegida por faixas de arame farpado, localizada de 300 a 800 m à retaguarda da linha A.

Entre estas duas linhas dispunham-se, ainda, os postos de apoio.

- 2.ª linha de defesa, também conhecida por Linha Intermédia ou Linha das Aldeias. Situava-se a cerca de 3000 m à retaguarda da linha A, era composta por um misto de aldeias em ruínas e fortificações de campanha. Aqui eram guardadas as peças de artilharia, as metralhadoras e os morteiros.
- 3.ª linha de defesa, ou Linha de Corpo como era mais conhecida. Situava-se a cerca de 6000 m da linha A e aqui residia o Quartel- general do Corpo. Era composta por fortificações de campanha com ligações às vias de comunicação.

A partida para as trincheiras era feita tendo a madrugada como cúmplice. A 2 de abril de 1917, entrou nas trincheiras a primeira Companhia do CEP e, a 10 de junho, as três Brigadas da Primeira Divisão já se encontravam guarnecendo a linha incorporadas no XI Exército Britânico. Nos inícios de novembro, o General Tamagnini assumia a responsabilidade da zona guarnecida pela Primeira Divisão e, em 26 de novembro, entrou na frente a 2.ª divisão.

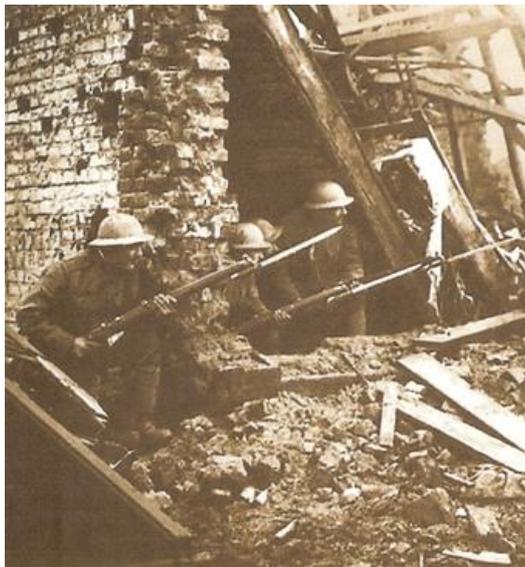


Imagem n.º 5. Soldados do CEP em posição de combate numa das muitas ruínas da Flandres. Fonte: Vieira, Joaquim. *Portugal século XX Crónica em imagens 1910-1920*, Lisboa, Círculo de Leitores, 1.ª edição, Abril 1999, p. 192.

A vida dos *trinchas*²⁵ era tudo menos fácil. Em particular, as trincheiras onde estavam os nossos portugueses estavam subordinadas às características geográficas do terreno e eram, por isso, mais baixas do que o normal, obrigando a maioria dos homens a caminharem agachados para se protegerem do fogo inimigo. Os invernos rigorosos traziam muitas vezes chuva e aí os soldados combatiam ensopados e, quando obrigados a marchar, escorregavam na neve. O fardamento estava a cabo dos portugueses e foi sendo adaptado às baixas temperaturas que se faziam sentir. Uma peça que chamou particular atenção dos ingleses e alemães foi um colete de pelo de carneiro, chamados os “pelicos”.

“Para se proteger do frio tinha vestido sobre a farda o seu colete de pelica, feito de pele de carneiro e sem mangas, que se tornara uma imagem de marca dos soldados portugueses na Flandres durante os dias frios. Chamavam-lhes, por isso, os lâzudos. Matias levantou a cabeça pelo parapeito do posto, em Neuve Chapelle, e espreitou para as posições inimigas. Da primeira linha, no ponto onde se encontrava de vigia, até à primeira linha alemã distavam quinhentos metros.

‘Méeééé!’, gemeu uma voz fingidamente trémula do outro lado da Terra de Ninguém. ‘Méeéééé!’”²⁶

Também nada do que os olhos vissem conseguia trazer algum alento à alma: era um espaço de destruição, os cadáveres jaziam na *terra-de-ninguém*²⁷ à vista de todos e à mercê de ratazanas e de outros animais; praticar atos de higiene era algo praticamente impossível e os piolhos, as lêndeas e as pulgas espalhavam-se, espalhando-se também o desconforto e a doença. Para além do inimigo alemão, os combatentes tinham ainda de lidar com os roedores que roubavam comida, destruíam roupas e causavam ferimentos e doença. No entanto, à falta de melhor companheiro, até estes animais serviam muitas vezes de amigo a homens a precisar de alento, como nos dá conta Bento Esteves Roma que fez amizade com alguns roedores nas trincheiras:

“Em seguida, alguém vinha para junto de mim, de mansinho, [...], não fosse eu acordar. [...] Retirava-se, e passado pouco tempo, comunicados os resultados da exploração, vinham mais, muitos mais, [...] A princípio acendia a luz e eles iam-se embora, fugiam; mas, dentro

²⁵ Nome dado pelos soldados do CEP a todos os que combatiam nas trincheiras.

²⁶ Cf. José Rodrigues dos Santos, *A Filha do Capitão*, Lisboa, Gradiva, 15ª edição, 2007, p.230.

²⁷ Na Primeira Guerra Mundial e em outras guerras que envolveram combates de trincheiras, o termo "terra de ninguém" indicava o espaço entre as trincheiras das duas forças beligerantes.

em pouco, apareciam lá no fundo, entre dois sacos de terra uns olhinhos muito brilhantes, a contemplarem-me com uma expressão de quem pede licença para continuar a festa interrompida. E, como o cansaço era muito, deixava-me adormecer. Acordava com a luz ainda acesa e, ao abrir os olhos, via os meus companheiros e amigos que se divertiam como se a luz estivesse apagada, fugindo somente quando me mexia.”²⁸

A falta de companhia feminina também era muito sentida. Vivendo num ambiente marcado pela masculinidade, os combatentes procuravam, sempre que possível, o conforto nos braços de uma mulher não tardando a enamorar as francesas. Surpreendentemente o idioma nunca foi um entrave e uma mistura medonha entre o francês e o português servia na perfeição para a comunicação entre os amantes.

A comida era outro problema; habituados à gastronomia portuguesa, os soldados depressa se fartaram do corned beef, a carne enlatada fornecida pelos ingleses para as suas rações, e sentiam falta de um bom pão tão caracteristicamente predominante na alimentação portuguesa. O general Simas Machado recorda um episódio passado com a 4.^a Brigada, à qual pertencia o Regimento de Infantaria n.º 20 de Guimarães:

“Numa data que não posso precisar a ração de pão foi bastante diminuída durante uns dias, e isso por causa, segundo se afirmou ao tempo, de dificuldades, nos transportes marítimos ingleses. Ao fim, porém, de curto prazo voltou o pão a ter o mesmo peso que anteriormente e a ser de excelente qualidade. Ora, nessa altura, encontrei nas trincheiras um soldadito do 8 de infantaria, ajoujado sob o fardo de umas tantas rações de pão, de latas de conserva, etc. Dirigi-lhe a palavra:

- Então, agora, já tens pão com fartura, não é assim?

- É verdade, meu general. Ele andava “ausente” mas, com medo de completar deserção, já se apresentou. Vai ficar “a gancho” que é para não se ausentar outra vez.

E lá se foi a rir, galgando muito lampeiro a distância que o separava dos seus camaradas, a quem ia levar o almoço, ao passo que eu me quedei pensativo, seguindo-o com a vista, a confirmar-me no acerto de que homens destes são capazes dos maiores rasgos de valentia, da mais ousada coragem, da mais extremada indiferença pela vida, de muita abnegação, capazes enfim, dos mais heróicos e generosos sacrifícios. Excelentes soldados os da 4.^a Brigada (...). Não os há nem

²⁸ Bento Esteves Roma, Ob. Cit., pp. 14-15.

mais dedicados, nem mais sóbrios, nem mais pacientes, nem mais valorosos, nem mais patriotas.”²⁹

Apesar das adversidades, a 4.ª Brigada ou Brigada do Minho era conhecida pela camaradagem e dedicação apresentada por entre os seus soldados. São vistos como tropas zelosas, apumadas e com um sentido de dever muito forte. O tenente-coronel Vitorino Godinho recorda-as como tendo em comum, entre muitas outras coisas, uma região e um país que procuravam sempre prestigiar demonstrando empenho vincado na execução de todas as ordens.³⁰

4.4 A destruição da 2.ª Divisão e a batalha de La Lys

As três brigadas da 2.ª Divisão Portuguesa, agora sob o comando do General Gomes da Costa, tinham que guarnecer três linhas sucessivas de trincheiras e outra linha de defesa totalizando cerca de 40 quilómetros. De Norte para o Sul, estavam, sucessivamente, a 4.ª Brigada no sector de Fauquissart sendo o regime de Infantaria n.º 20 de Guimarães responsável pela primeira e segunda linhas de defesa, a 6.ª Brigada no sector de Neuve Chapelle e a 5.ª Brigada no sector de Ferme du Bois, com a 3.ª Brigada (1.ª Divisão) em reserva.

Durante o ano de 1918, as tropas portuguesas mal equipadas e apressadamente instruídas, lidaram com vários ataques por parte do inimigo alemão na zona do rio Lys. Era uma guerra invisível e enervante, não mais uma guerra de movimentos e de progressão no terreno, mas uma guerra com “momentos de espera” e “momentos de combate” que exigia ainda um maior esforço psicológico.

A partir de janeiro de 1918, a situação tornou-se cada vez mais difícil como nos diz o sargento Sérgio Augusto dos Santos:

“Os ataques de morteiros e de artilharia tomaram um novo aspeto, com vista a provocar o abatimento moral e físico dos portugueses. Começavam repentinamente em concentrações maciças sobre zonas determinadas, parando de súbito, para cair novamente em outro lugar, martelando, desgastando, na perspectiva da morte a qualquer momento! Assim nos aguentamos mais de três meses.”³¹

²⁹ Episódio contado pelo general Simas Machado, numa carta redigida em agosto de 1922, ao coronel Eugénio Mardel, que a publicou na sua obra de 1923, p.18.

³⁰ Testemunho transmitido por carta com data de 1922, dirigida ao coronel Eugénio Mardel, que a publicou na sua obra 1923, p.44.

³¹ Alcântara Santos, Manuela. (2015). O 9 de Abril nas memórias de dois combatentes portugueses. In *Boletim de Trabalhos Históricos*, Guimarães, Arquivo Municipal Alfredo Pimenta, Série III, Vol IV, p. 56.

Os relatórios dos comandantes realizados em inícios de abril dão conta de um exército esgotado e desmoralizado, que precisava urgentemente de se render. No front os soldados entoavam uma quadra ao então Presidente da República:

*“Ó grande Sidónio Pais,
Diretor da Revolução
Não nos deixes sofrer mais
Rende a nossa divisão.”*

A retirada da 2.^a divisão do CEP começaria a ser feita na noite de 8 para 9 de abril, mas de madrugada as suas trincheiras são alvo de um bombardeamento. Às 4h15 os alemães iniciaram um violento ataque de artilharia de mais de duas horas de duração, dando início ao que ficou conhecido como a “Batalha do Lys”. O sargento José Dias da Conceição encontrava-se na primeira linha do subsector de Fauquissart e relata o que se passou:

“A noite apresentava-se com um aspeto triste e melancólico; o orvalho e o nevoeiro completavam a scena (...) Mesmo assim, os soldados do Minho lá estavam ao parapeito, com a sua habitual manta pelos ombros, espreitando o inimigo, enquanto eu, rondando e horientando o serviço deles, cumpria o meu dever. (...) São quatro horas. (...) [Acabando o serviço de ronda], ainda acordado mas já deitando entre mantas sobre um estrado de madeira, fui surpreendido a esta hora malutina, com o troar de um canhão, que das bandas dos alemães, se faz ouvir por quatro vezes distintas. Levanto-me; medito um pouco, e a breve tempo volto a ouvir o troar do canhão (mas desta vez não era um nem dois, mas sim talvez todos ou quase todos que deviam haver na frente alemã) com uma intensidade formidável. Era um verdadeiro trovão, naquelas noites de inverno, uma autêntica trovoad. (...) Aqueles clarões que a muito custo rasgavam o nevoeiro, aqui, ali, acolá, dava-me a impressão de relâmpagos; a confusão das bocas de fogo, a troar a porfia, a ver qual delas, lançava mais metralha sobre a frente portuguesa pareciam-me inconfundivelmente, como trovoad. É a melhor edeia que aqui posso deixar escrita sobre o bombardeamento que durou 4 horas mais ou menos seguidas. (...) Mas que chuva de metralha, santo Deus! Já não era só a artilharia inimiga! É também a nossa, que respondia com violência.”³²

Toda a primeira linha foi rapidamente ocupada. Abrindo uma brecha entre o sector inglês e o português, os alemães iniciaram uma manobra de envolvimento das tropas nacionais pelos flancos e pela retaguarda. A segunda linha e a terceira, bem como as baterias de artilharia, ofereceram a resistência possível, que estava acabada ao fim da manhã.

³² Relato de José Dias da Conceição Fonte: Alcântara Santos, Manuela. (2015). O 9 de Abril nas memórias de dois combatentes portugueses. In Boletim de Trabalhos Históricos, Guimarães, Arquivo Municipal Alfredo Pimenta, Série III, Vol IV, p. 56.

Tomemos particular atenção ao que se passou neste dia, relativamente ao Batalhão de Infantaria n.º 20 de Guimarães inserido na “Brigada do Minho”, tendo por base a informação fornecida pelo major Dorbalino Martins e a obra *Estudo de pesquisa sobre a intervenção portuguesa na 1.ª Guerra Mundial (1914-1918) na Flandres*:

“Pouco tempo depois da abertura de fogo por parte dos alemães, a primeira companhia lança um SOS às tropas de artilharia que, por sua vez não respondem, causando um grande mau estar. Às 4h45 as companhias da zona centro e da direita abandonam a linha A. Às 5h30, o comandante da 2.ª companhia é informado por um dos comandantes de pelotão que a primeira linha havia sido destruída e que as companhias que a guarneciam encontravam-se praticamente dizimadas pelo inimigo. O comandante da 4.ª companhia, o alferes Andrade surge na linha B completamente desorientado e só, afirmando que abandonou a 1.ª linha por não poder permanecer naquela posição e que a sua companhia foi aniquilada. Às 6h00, chega à linha B o alferes Alves, juntamente com oito praças, o remanesce da 2.ª companhia, a companhia que comandava. Como represália, quinze minutos depois intensifica-se o fogo de represália na linha B, batendo-se as linhas inimigas com granadas de todos os calibres. Por volta das 7h00, aparecem praças vindas da esquerda e pertencentes ao Batalhão de Infantaria n.º 8 questionando os comandantes das companhias situadas na linha B sobre a veracidade de uma informação que dava conta da intenção das tropas de artilharia varrerem a primeira linha. Constam que tal informação não passa de um boato e regressam à primeira linha, mantendo-se o dito batalhão no local até às 9h00, sempre muito castigado pelas metralhadoras inimigas, estabelecidas já na “terra de ninguém”. Às 8h30, o comandante da 2.ª companhia apercebe-se que os reforços não chegam e que as ordenanças não voltam. Por sua vez, as tropas vão sendo paulatinamente eliminadas pelo fogo inimigo. Pelas 9h00, os alemães alongam o tiro e pouco tempo depois invadem a linha de defesa e aparecem na frente do abrigo do comandante da 1.ª companhia. Os oficiais e praças que ali se encontram oferecem a sua máxima resistência, contudo, perante a gravidade da situação, o comandante propõe a retirada. Para obter a ordem de retirada, desloca-se ao comando do batalhão, mas é ferido no caminho e os seus oficiais que permanecem na linha são capturados pelos alemães. Os últimos defensores da linha abrem fogo com uma metralhadora ligeira e espingardas, conseguindo deter o inimigo durante apenas alguns minutos. Pouco depois, aquela avança sobre a linha e, por volta das 9h40, aprisiona o Comando do Batalhão que, apesar de avisado pelo capitão Queiroz, já ferido, que os alemães se encontravam a apenas a umas centenas de metros e progrediam sem oposição, hesitou e não bateu em

retirada. La Lys resultou numa verdadeira tragédia humana para o Batalhão de Infantaria n.º 20, que num só dia viu o seu número de efetivos reduzido para 300 homens.”³³

A “Brigada do Minho” desapareceu assim na Batalha de La Lys, a 9 de abril de 1918. Esgotadas, no limite das suas forças, vítimas de promessas de substituição nunca cumpridas, as tropas obedeceram às ordens recebidas e permaneceram nos seus postos de combate até ao último minuto. Recebem depois, por todo o espírito de corpo e valentia demonstradas, a designação de feitos heróicos e formidáveis. Contudo as condecorações jamais poderão igualar o sangue derramado e a morte da quase totalidade dos efetivos do Batalhão em França e dificilmente conseguirão pagar aos poucos heróis que, por sua mestria, não tombaram na terra dia 9 abril, o resto de uma vida tranquila e livre de tormentos.

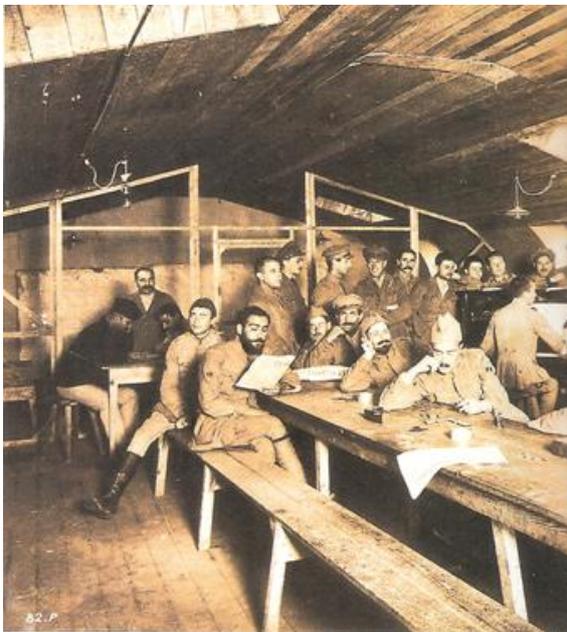


Imagem n.º 6. Soldados portugueses prisioneiros no campo alemão de Breesen in Mecklembourg, após o desastre da Batalha de La Lys. Fonte: Vieira, Joaquim. *Portugal século XX Crónica em imagens 1910-1920*, Lisboa, Círculo de Leitores, 1.ª edição, Abril 1999, p. 192.



Imagem n.º 7. Cemitério português na Flandres, um dos diversos locais onde são sepultadas as vítimas de La Lys. A derrocada de 9 de Abril é fatal para a existência do próprio CEP. Fonte: Vieira, Joaquim. *Portugal século XX Crónica em imagens 1910-1920*, Lisboa, Círculo de Leitores, 1.ª edição, Abril 1999, p. 192.

4.5 O Fim da Guerra para os Portugueses

³³ Sousa, Carlos. (2015). O 20 de Guimarães na Primeira Grande Guerra (1914-1918). In Boletim de Trabalhos Históricos, Guimarães, Arquivo Municipal Alfredo Pimenta, Série III, Vol IV, p. 72

No fim do dia 9 de abril, as perdas portuguesas em mortos, feridos e prisioneiros totalizaram 327 oficiais e 7089 praças, mais de um terço da divisão.

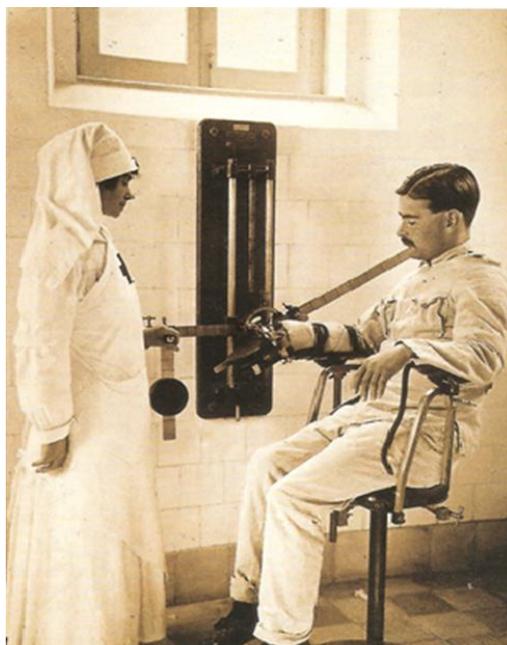


Imagem n.º 8. Recuperação de um dos estropiados da Flandres. Por cada morto há dois feridos. Fonte: Vieira, Joaquim. *Portugal século XX Crónica em imagens 1910-1920*, Lisboa, Círculo de Leitores, 1.ª edição, Abril 1999, p. 193.

Após o desastre que se abateu sobre os portugueses, construiu-se um novo Batalhão com os destroços da Brigada do Minho, dando origem, em outubro, à formação de três batalhões que perseguiram as forças alemãs antes do Armistício.

O governo de Sidónio Pais³⁴, adepto de uma menor intervenção de Portugal numa guerra que só agravava as dificuldades que se viviam no país, dificultou o processo de recrutamento tornando-o cada vez mais complexo, com o objetivo de enviar menos soldados para o teatro bélico. A posterior entrada dos Estados Unidos na guerra veio a favorecer esta política.

As forças portuguesas, agora francamente em menor número, perderam importância perante os novos reforços americanos, que se revelariam decisivos para o desfecho da Primeira Guerra Mundial com a vitória dos Aliados.

Em julho de 1918, o CEP viu o seu comandante ser substituído pelo general Tomás António Garcia Rosado. A 4 desse mês, a 1.ª divisão do Corpo subordinou-se ao 5.º Exército Britânico.

³⁴ Foi o 4.º Presidente de Portugal de 28 de abril de 1918 a 14 de dezembro de 1918. Exerceu o cargo de forma ditatorial, suspendendo e alterando por decreto normas essenciais da Constituição Portuguesa de 1911.

A 9 de dezembro, rumaram a Cherburg as primeiras tropas do CEP para posterior embarque para Portugal e tão desejado regresso a casa. O último comandante do Corpo Expedicionário Português antes da assinatura do Tratado de Versalhes, que terminou com a I Grande Guerra, foi o general Alves Roçadas.



Imagem n.º 9. Os leitores assaltam os carros que trazem os jornais com as primeiras notícias da assinatura do armistício (novembro de 1918). Fonte: Fonte: Vieira, Joaquim. *Portugal século XX Crónica em imagens 1910-1920*, Lisboa, Círculo de Leitores, 1.ª edição, Abril 1999, p. 195.



Imagem n.º 10. Logo que se sabe do fim da guerra, forma-se em Lisboa um cortejo que vai às legações aliadas e depois ao palácio de Belém. Fonte: Fonte: Vieira, Joaquim. *Portugal século XX Crónica em imagens 1910-1920*, Lisboa, Círculo de Leitores, 1.ª edição, Abril 1999, p. 196.

5. A história do Regimento de Infantaria n.º 20 de Guimarães

O Paço dos Duques de Bragança, também na altura chamado de quartel do Proposto, foi a casa deste regimento aqui acolhido em 1884. Dos eventos de cariz militar em que participou, destaca-se compreensivelmente, a Primeira Guerra Mundial. Foi no quartel do Proposto que as tropas mobilizadas formaram pela última vez antes de marcharem a pé para o comboio que os levaria até Lisboa de onde partiriam para a Flandres – rumo ao desconhecido.



Imagem n.º 11. Quartel do Proposto, casa do Regimento de Infantaria Nº20 de Guimarães.
Fonte: Sousa, Carlos. (2015). O 20 de Guimarães na Primeira Grande Guerra (1914-1918). In *Boletim de Trabalhos Históricos*, Guimarães, Arquivo Municipal Alfredo Pimenta, Série III, Vol IV, p. 79.

Em honra dos seus combatentes, os vimaranenses criam mais tarde uma lápide onde foram inscritos o nome de todos aqueles que pereceram no teatro bélico da Grande Guerra. Decide-se, simbolicamente, colocar a lápide naquela que fora a casa deste regimento, na fachada da parede interior do quartel do Proposto, não se sabendo de quem foi a ideia, nem a data da colocação.

Tal acontecimento veio a coincidir com as Festas Gualterianas do ano de 1924 que, por sua vez, já incluíam no seu programa festivo a aposição das insígnias da Cruz de Guerra de 1.ª Classe à Bandeira do Regimento de Infantaria n.º 20, condecoração merecida e à muito aguardada.



Imagem n.º 12. Louvor oferecido ao Regimento de Infantaria Nº20 na sequência do combate de Fauquissart, travado a 12 de março de 1918. Fonte: Sousa, Carlos. (2015). O 20 de Guimarães na Primeira Grande Guerra (1914-1918). In Boletim de Trabalhos Históricos, Guimarães, Arquivo Municipal Alfredo Pimenta, Série III, Vol IV, p. 78.

A cerimónia alusiva à lápide ocorreu a 3 de agosto na Praça do Tournal, seguindo-se depois um cortejo até ao Paço dos Duques de Bragança, onde foi formalmente e publicamente descerrada a lápide. Seria agora possível louvar os nomes daqueles homens que morreram, mas que deixaram vivo o seu legado de valentia, amor ao dever e espírito de sacrifício.

A lápide viria depois a desaparecer na década de 1940, altura em que o Paço dos Duques entrou em obras de restauro.

Anos antes, a 23 de setembro de 1936, por deliberação da Câmara Municipal de Guimarães foram adquiridos pela Agência da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, que viria a ficar a cargo da lápide após a sua remoção do Paço dos Duques, cerca de 30m² de terreno, no canteiro número 25 do cemitério da Atouguia. Este espaço destinar-se-ia a receber as sepulturas dos combatentes da Primeira Guerra Mundial e foi mais tarde alargado para 50m².

Posteriormente foi erguido neste local um monumento no qual se colocou a lápide com os nomes dos soldados do Regimento de Infantaria n.º 20, anteriormente localizada no Paço dos Duques.

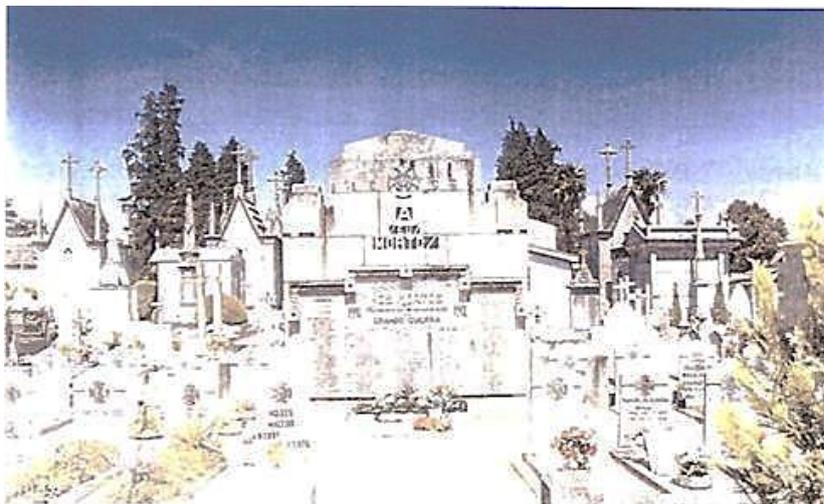


Imagem n.º 13. Lápide onde constam os nomes de alguns dos soldados vitimados durante a Grande Guerra, localizada no cemitério da Atougia em Guimarães. Fonte: Sousa, Carlos. (2015). O 20 de Guimarães na Primeira Grande Guerra (1914-1918), In Boletim de Trabalhos Históricos, Guimarães, Arquivo Municipal Alfredo Pimenta, Série III, Vol IV, p. 80.

Relativamente à sua inauguração, não foi possível encontrar qualquer informação apesar do esforço realizado, o que leva a querer que tal acontecimento teve lugar sem a cerimónia e o reconhecimento que seria desejado.

Não deixa ainda de ser importante fazer notar que na lápide só consta o nome de cento e vinte e um militares vimaranenses que perderam a vida na Flandres e nas colónias, quando na realidade se sabe que o número total dos que pereceram é muito maior. O porquê disto mesmo é um mistério ainda por resolver.

5.1 O estandarte do 20 perdido nos destroços da Batalha



Imagem n.º 14. Bandeira do Regimento de Infantaria Nº20 de Guimarães. Fonte: Sousa, Carlos. (2015). O 20 de Guimarães na Primeira Grande Guerra (1914-1918). In Boletim de Trabalhos Históricos, Guimarães, Arquivo Municipal Alfredo Pimenta, Série III, Vol IV, p. 82.

Por entre os bombardeamentos de 9 de abril, perdeu-se também a Bandeira do Regimento de Infantaria n.º 20 de Guimarães, bordada à mão e oferecida pelas

senhoras de Viana do Castelo, símbolo de motivação e motivo de veneração por parte de todos os heróis do Minho, que se despediram da vida, de forma tão injusta, mas sempre tão valente, em nome da glória de Portugal.

Oitenta e quatro anos depois, mais precisamente em julho de 2011, foi finalmente encontrada a Bandeira do Regimento de Infantaria n.º 20 de Guimarães. O estandarte foi localizado nas reservas do Museu Militar de Lisboa, na sequência do interesse, persistência e determinação mostrada por Carlos Sousa, homem que tivemos a oportunidade de conhecer e que dirigiu uma investigação privada em busca pela bandeira, com o intuito de a ver regressar à sua casa em Guimarães!

Segundo o que pudemos apurar junto de Carlos Sousa, a bandeira está neste momento a ser reparada no Museu Militar de Lisboa e conta-se que ela regresse, assim que possível, ao Paço dos Duques de Bragança, antigo quartel do Regimento, para que possa ser admirada por todos os vimaranenses.

6. Entrevista a Carlos Sousa

Carlos Sousa é um indivíduo extraordinário com um entusiasmo fora do comum que tivemos a oportunidade de conhecer por mero acaso, à porta do Arquivo Municipal Alfredo Pimenta, no decorrer de uma das nossas muitas viagens de investigação. Bastou dizermos que procurávamos recolher informação sobre O Regimento de Infantaria n.º 20 de Guimarães e sobre a participação dos soldados vimaranenses na Primeira Guerra Mundial, para vermos surgir um brilho nos seus olhos e percebermos que nos tínhamos deparado com a pessoa certa. Este homem aceitou reunir-se connosco e mostrou-nos todo o seu espólio de informação sobre o envolvimento de Guimarães na guerra, desde fotografias a documentos inéditos. Ficamos surpreendidos quando soubemos que ele próprio havia tido contacto direto com um soldado vimaranense que combateu na Primeira Guerra Mundial – **Álvaro Machado**, e que, por amor ao seu amigo, praticamente pai, conduziu uma investigação autodidata a fim de localizar o estandarte do Regimento de Infantaria n.º 20 perdido nos destroços da Grande Guerra. Sem a sua ajuda, este nosso objetivo de tirar do anonimato os soldados de Guimarães, passando-os de soldados desconhecidos a soldados conhecidos e reconhecidos, teria sido impossível. Foi neste sentido, que lhe colocamos algumas questões:

➤ **O que despertou a sua curiosidade acerca do tema “A Primeira Guerra Mundial”?**

O que me despertou a vontade de investigar este tema foi o facto de Guimarães nunca ter tratado o tema da Primeira Guerra Mundial como este merecia ter sido tratado. A maior parte dos soldados do Regimento de Infantaria n.º 20 de Guimarães que participaram na Grande Guerra morreram e os seus descendentes ou

eram pobres ou não tinham condições nenhuma para fazer ouvir a história dos seus entes queridos e enaltecer a sua memória. Foi isso que me levou passado anos a fazer pesquisa, com o intuito de honrar os heróis do 20.

➤ **Sabemos que teve contacto direto com um indivíduo que participou na Primeira Guerra Mundial. Fale-nos um pouco sobre ele.**

O meu amigo que viveu na Primeira Guerra Mundial, **Álvaro Machado** era um indivíduo extraordinário. Andava comigo pela mão e tratava-me como um homem quando eu tinha apenas 4 ou 5 anos de idade. Eu não era uma criança para ele. Ensinou-me tudo o que podia ensinar, todo o tipo de coisas que uma pessoa pode usar no futuro para resolver problemas, para saber viver a vida. Houve inclusive ensinamentos que ele me deu que, quando fui para a guerra (*referência à guerra do ultramar*), aproveitei. Tive a felicidade de viver no meu período de guerra na casa onde ele habitava, no Porto, por acaso sítio onde se encontrava e se encontra ainda hoje, a primeira filiar do Vitória de Guimarães. Uma das coisas que me arrependi foi, enquanto estive na sua casa, de não me ter apropriado de uma peça, que quando ele morreu, foi para o lixo, a máscara de gás.



Imagem n.º 15. Álvaro Machado, instrutor em França e encarregue da função de observador do inimigo durante a Primeira Guerra Mundial. Fonte: fotografia privada fornecida por Carlos Sousa.

➤ **Ele falava-lhe da guerra?**

Constantemente. Uma das coisas que ele não gostava nada era dos ingleses. Quanto aos ingleses, a esses, considerava-os traidores e dizia que o dia 9 de abril acabou por ser mais uma traição dos ingleses. O Álvaro chegou a ser instrutor em França e a desempenhar a função de observador do inimigo, o que indica que tinha de ser um indivíduo com bastante nível. Era ele que ia ver as posições do inimigo e as transmitia para a retaguarda.

- **Guarda consigo algum testemunho de Álvaro Machado relacionado com a sua participação na Grande Guerra?**

Guardo a sua caderneta militar que me foi oferecida pela amizade e carinho que ele me tinha. E há um momento com ele que me marcou especialmente, ocorreu no dia do meu crisma, na Igreja da Oliveira... O meu padrinho de crisma não sabia quem era, nem lhe tinha afinidade nenhuma. E nesse dia o **Álvaro** virou-se para mim e disse “Deste-me o maior desgosto da minha vida hoje.” E eu não sabia porquê. Vim mais tarde a saber que o meu padrinho de crisma era o antigo tenente que fugiu, no dia em que fez a despedida para a França. Discursou junto aos caminhos-de-ferro a dar coragem aos soldados e na hora de embarque fugiu.

CADERNETA MILITAR

De Álvaro Machado
nascido a 14 de Janeiro de 1889 em a freguesia de Santa Maria da Moura concelho de Guimarães
distrito de Beira; filho de António
Machado e de Adelaide
da Rosa
ultimo domicilio em freguesia de Santa Maria da Moura concelho de Guimarães distrito de Beira
estado solteiro; ocupação
soldado casou com Rosa do Amaral
em 11 de Maio de 1915
- Militar q.m. 21 Janeiro 1914

Filtros

Vários

Pontos

1915 q.m. 5 Junho 1915

1

Imagem n.º 16. Caderneta militar de Álvaro Machado. Fonte: fotografia privada fornecida por Carlos Sousa.

- **Na sua opinião o que fez o regimento de Infantaria de Guimarães destacar-se dos restantes regimentos?**

O regimento de Guimarães destacou-se dos restantes regimentos porque, por infelicidade, era ele que estava na zona onde houve o ataque mais feroz (referência ao setor de Fauquissart, defendido pelo Regimento de Infantaria n.º 20 quando se deu a Batalha de La Lys, a 9 de abril de 1918). E os nossos soldados tentaram suportar o

ataque tanto tempo quanto puderam, mas as condições do terreno, o cansaço... Estiveram semanas e meses a fio sempre na frente de combate. O 20 de Guimarães foi o regimento português que mais baixas teve nesse dia.

- **Sabemos que dirigiu uma investigação autodidata a fim de localizar a Bandeira do regimento de Infantaria n.º 20 perdida nos destroços da Grande Guerra. Quais foram as principais dificuldades que encontrou no decorrer dessa investigação?**

O desinteresse do povo. Quando eu tomei iniciativa de descobrir o estandarte tomei por deliberação minha e só minha apenas. Tendo sido militar, jurei bandeira perante a bandeira nacional e sabia que era um facto importante para o meu amigo que a bandeira fosse descoberta, porque ele falava-me muito dela. Dizia-me muitas vezes “se eu a pudesse ver, abraçava-a, beijava-a...” e isso motivou-me a procurá-la. Tive a feliz sorte de encontrar um oficial em Lisboa que se interessou pelo tema e que, com a minha voz de comando a partir de Guimarães, dirigia-se a vários locais em busca do estandarte e um dia, efetivamente, a bandeira acabou por aparecer. Tive o privilégio de ser o primeiro indivíduo da nossa terra a pegar na bandeira, tive o privilégio de a abraçar e beijar, como o meu amigo tanto desejava ter feito.

- **Acha que os vimaranenses valorizam devidamente os nossos soldados?**

Não valorizam por vários motivos. Guimarães é uma terra que só no momento é que valoriza. Os dirigentes da nossa terra, quando são eles a descobrir as coisas, valorizam, quando são outras pessoas, já não lhes interessa. Foi o que se passou com a bandeira. A bandeira apareceu em junho de 2011 e por infelicidade só 3 ou 4 pessoas é que tiveram o privilégio de a ver por minha interseção, porque senão estava em completo anonimato. A bandeira encontra-se agora a restaurar em Lisboa. Deus queira que não fique para lá mais oitenta e quatro anos!

Depois desta entrevista e de toda a pesquisa que realizamos fizemos jus ao tema *Do Soldado Desconhecido ao Soldado Conhecido*.

Capítulo 3 - “Muito prazer em conhecê-lo...”

Para além de Carlos Sousa, que nos “apresentou” o seu amigo Álvaro Machado, foi-nos possível descobrir entre a população vimaranense quatro descendentes de antigos combatentes pertencentes ao Regimento n.º 20 de Guimarães. Seguem as fotografias e respetivas biografias.

Álvaro Machado – 2.º Sargento de Infantaria



Imagem n.º 17: Álvaro Machado, 2.º sargento de infantaria. Fonte: Arquivo Municipal de Guimarães.

Natural da freguesia de Santa Maria de Oliveira, concelho de Guimarães, nasceu a 14 de fevereiro de 1889, filho de António Machado e de Adelinda Rosa, casado com Custódia Rosa do Amaral, foi residente na cidade do Porto, na Rua de S. Bento da Vitória, tendo posteriormente regressado à sua cidade, onde teve dois filhos, Abílio Machado e Rosa Machado. Em 23 de maio de 1917, embarcou para França, no 1.º Corpo Expedicionário Português pelo Regimento de Infantaria n.º 20, e regressou a 19 de Abril de 1919. Em França, foi monitor da Escola T. O. P., sendo depois colocado e designado como observador dos movimentos do inimigo. Faleceu a 15 de Julho de 1969, encontrando-se sepultado no Cemitério Municipal da Atouguia.

Joaquim Magalhães – 2.º Sargento



Imagem n.º 18: Joaquim Magalhães, 2º sargento. Fonte: Arquivo Municipal de Guimarães

Joaquim Magalhães, filho de Maria Magalhães, nasceu a 1 de julho de 1882, na freguesia de São Clemente de Basto, concelho de Celorico de Basto. Assentou praça, em 29 de agosto de 1912, como recruta do Regimento de Infantaria nº 20. Em 3 de fevereiro de 1915, foi incorporado no segundo corpo expedicionário para Angola, para fazer frente ao ataque das forças alemãs, vindas da *África Alemã do Sudoeste*. Com o fim do conflito germânico, neste território, em 9 de julho de 1915, embarcou de regresso a Portugal. Foi promovido, em 13 junho de 1916, a 2.º sargento da 1.ª companhia do Regimento de Infantaria n.º 20. Fez parte do 1.º Corpo Expedicionário Português, na 2.ª Divisão, da 4.ª Brigada do Minho e partiu de Lisboa rumo a Brest, em França, no dia 23 de maio de 1917. Em 19 de outubro de 1924, passou ao Batalhão de Metralhadoras do RI n.º 20 e, em 10 de julho de 1927, foi transferido para o Regimento de Infantaria n.º 8, em Braga.

José Marcelino Barreira – Coronel

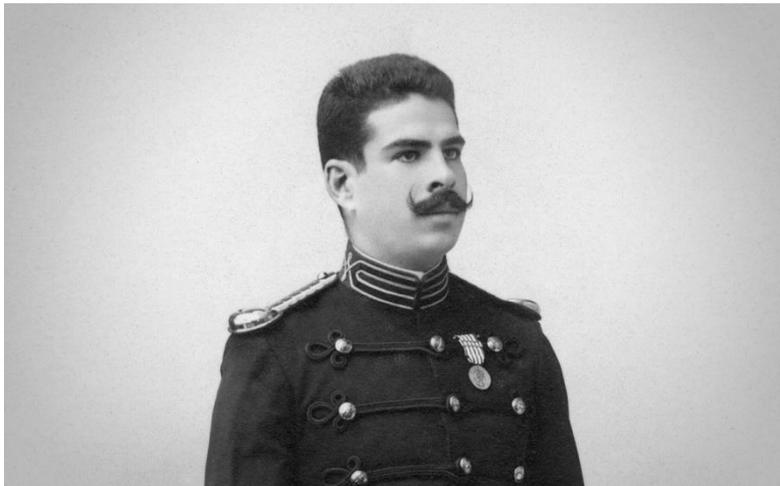


Imagem n.º 19: José Marcelino Barreira, Coronel. Fonte: Arquivo Municipal de Guimarães

Primeiro filho de Manuel de Jesus Barreira, 1.º sargento do RI n.º 20, e de Laura Emiliana de Oliveira Bastos, descendente de uma ilustre família vimaranense. Terminado o primeiro ano da instrução primária, é admitido no Real Colégio Militar, onde conclui, em 1904, o curso que o habilitava como 3.º comandante de secção. Assenta praça no Regimento de Infantaria n.º 20 do Infante D. Manuel e frequenta o curso de infantaria na Escola do Exército. É promovido a alferes, em 1908, e, em janeiro de 1910, ascende ao posto de tenente. Em 1912, foi nomeado ajudante de campo do Governador-geral, função que acumula com o cargo de chefe de gabinete do Governo-geral. Promovido a capitão, serve em vários regimentos e companhias até que, em maio de 1918, parte com destino a Moçambique a fim de prestar serviço nas companhias indígenas. Regressa em 1919 e serve no RI n.º 20. Em fevereiro, integra o corpo de militares fiéis à República que defrontam e subjagam os revoltosos monárquicos que, após o assassinato de Sidónio Pais, proclamaram a monarquia no Porto. Nos anos que se seguiram, o capitão Barreira ocupa o posto de comandante em várias unidades militares, sendo progressivamente promovido a major em 1928, a tenente-coronel em 1937 e a coronel em 1941.

Silvestre José Barreira - Tenente



Imagem n.º 20: Silvestre José Barreira, Tenente. Fonte: Arquivo Municipal de Guimarães.

Silvestre José Barreira, filho de Victorino José Barreira e de Maria Joaquina, nasceu em 13 de janeiro de 1876, na freguesia de São João da Corveira, concelho de Valpaços. Ainda jovem, veio para Guimarães e, em 1 de janeiro de 1912, casou com Rosa Ferreira da Costa, natural desta cidade, filha de Francisco Ferreira da Costa e de Rosa Ferreira da Costa, proprietários da pensão de Santa Luzia, onde se instalou aquando da sua vinda para Guimarães. Em 25 de setembro de 1914, foi promovido a sargento-ajudante e colocado no Regimento de Infantaria n.º 20; um ano depois, em 17 de novembro, ascendeu ao posto de alferes e, passado um mês, a tenente. Ingressou no 1.º Corpo Expedicionário Português, na 2.ª Divisão, da 4.ª Brigada do Minho e partiu de Lisboa rumo a Brest, em França, no dia 23 de maio de 1917. Em agosto de 1917, marchou para a frente de batalha perto de Bethune; em 11 de outubro de 1917, foi transferido para a 2.ª Companhia e nomearam-no 2.º comandante. Regressou a Portugal, em 25 de junho de 1918, depois de um período de convalescença. Em 17 de fevereiro de 1923, foi promovido a capitão. Silvestre Barreira foi um dos oficiais do Regimento de Infantaria n.º 20 que se recusou a participar no 28 de maio de 1926.

Alcino da Costa Machado – Coronel



Imagem n.º 21: Alcínio da Costa Machado, Coronel. Fonte: Arquivo Municipal de Guimarães

Nasceu na freguesia de S. Nicolau da cidade do Porto, a 10 de fevereiro de 1871, tendo assentado praça, em 28 de junho de 1889. Foi promovido a Tenente-ajudante, em 18 de abril de 1899, sendo colocado no Regimento de Infantaria n.º 20. Em dezembro de 1914, partiu para África, a fim de participar na defesa da Província Ultramarina de Angola, comandando como Major o 3.º Batalhão de Infantaria n.º 20. Nos anos 20, foi promovido a Coronel. Faleceu a 1 de fevereiro de 1946, na freguesia de Mesão Frio, do concelho de Guimarães.

Capítulo 4 - Análise dos Resultados

O presente relatório visa a análise dos dados recolhidos através do inquérito por questionário. O processo de aplicação das entrevistas decorreu durante cerca de 2 meses, do dia 11 de abril ao dia 31 de maio, em 25 postos de controlo diferentes, que passamos de seguida a enumerar, por nenhuma ordem em particular: Escola Secundária de Caldas das Taipas, Póvoa de Lanhoso, Sande São Martinho, Corvite, Prazins Sto. Tirso, Vila Nova de Sande, Ronfe, São Lourenço de Sande, Creixomil, Taipas, S. João de Ponte, Brito, S. Cláudio de Barco, Toural, Serzedelo, Fermentões, Vermil, Sta. Cristina Longos, Souto Sta. Maria, Briteiros, Balazar, S. Torcato, Lordelo, Aldão e Azurém.

Em cada um dos 25 postos de controlo foram aplicados 10 inquéritos.

A escolha dos postos de controlo prendeu-se com o facto de pretendermos obter uma amostra fiel e diversificada e, por essa mesma razão, termos tentado abranger o maior número de freguesias possível do concelho de Guimarães. A escolha do Toural como fazendo parte de um dos nossos postos de controlo prende-se com a sua importância histórica, tendo sido precisamente neste local que se iniciou o cortejo até ao Paço dos Duques de Bragança, em 1924, com o fim de descerrar a lápide com o nome dos soldados do Regimento de Infantaria 20. Prende-se ainda com o facto de esta ser uma zona especialmente movimentada, nomeadamente por população idosa, que nos interessava entrevistar. Achamos extremamente importante usar também a nossa escola, Escola Secundária de Caldas das Taipas, como um posto de controlo, sendo este o local onde estudamos e onde sentimos curiosidade em saber, até que ponto, a comunidade escolar se encontra envolvida e tem conhecimento de assuntos culturais relacionados com a nossa terra.

A nossa amostra é constituída por 250 indivíduos, repartidos de igual forma pelas três faixas etárias por nós definidas – dos 15 aos 24 anos; dos 25 aos 64 anos; de 65 e mais anos de idade. Note-se que para conseguirmos cumprir o nosso objetivo de encontrar, entre a população vimaranense, familiares de ex-combatentes da Primeira Guerra Mundial, foi necessário realizar um maior número de inquéritos a indivíduos com 65 e mais anos de idade. De ressaltar ainda que, na Escola Secundária de Caldas das Taipas, se verificou a impossibilidade de inquirir indivíduos com 65 ou mais anos, tendo-se, portanto, usado apenas as faixas etárias dos 15 aos 24 anos e dos 25 aos 64 anos de idade. Por estes dois motivos, a repartição estritamente uniforme pelas faixas etárias poderá não ter sido concretizada, no entanto, obteve valores bastante satisfatórios.

Dentro de cada faixa etária procuramos ainda realizar metade das entrevistas a indivíduos do sexo masculino e outra metade das entrevistas a indivíduos do sexo feminino, obtendo-se assim um equilíbrio a nível do género.

Desta forma, foi-nos possível trabalhar com uma amostra fiável e credível.

As dificuldades encontradas aquando da aplicação das entrevistas prenderam-se, essencialmente, com a deslocação a um número diversificado de locais e ao elevado número de indivíduos a inquirir. Tirando algumas situações em que a população se mostrava logo assustada com o tema “A Primeira Guerra Mundial” e dizia de antemão não ter qualquer conhecimento sobre o assunto, recusando-se a responder ao inquérito, os vimaranenses mostraram-se sempre prestáveis e decididos a colaborar connosco.

Esta foi uma experiência especialmente enriquecedora ao nível de contacto interpessoal e foi-nos possível testemunhar um fenómeno social no decorrer das nossas

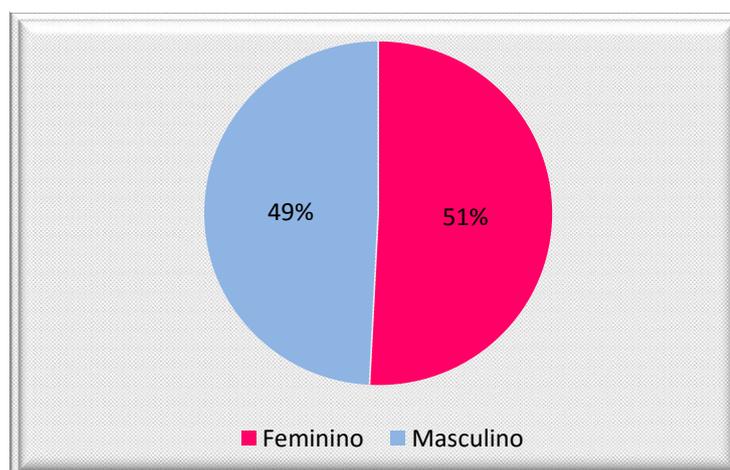
entrevistas: a solidão nos idosos. Apercebemo-nos, especialmente na zona do Toural em Guimarães, que a população de faixas etárias mais elevadas, rapidamente se mostrava prestável a falar connosco e inclusive dispersava para diversos assuntos, procurando trocar amizade com os elementos do grupo e demonstrando assim a profunda necessidade de serem ouvidas e de terem companhia.

Passaremos, de seguida, à caracterização da nossa mostra e à apresentação dos dados recolhidos, bem como à sua respetiva análise e interpretação. Apresentaremos as nossas conclusões finais e faremos uma comparação dos resultados obtidos com as nossas expectativas iniciais, decidindo se os nossos objetivos foram ou não atingidos.

Caracterização da amostra

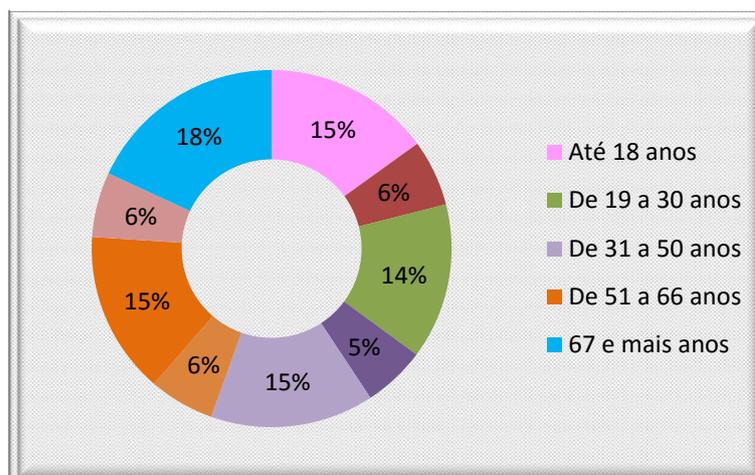
Com o objetivo de proporcionar ao leitor uma visão mais detalhada da constituição da nossa amostra, passaremos, de seguida, a apresentar os gráficos que ilustram a mesma acompanhados da respetiva análise e comentários.

Gráfico 1: Amostra por género. N=250



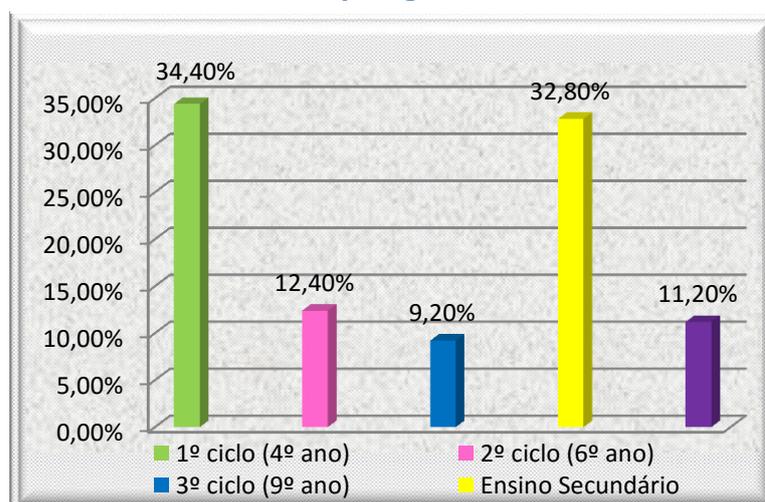
No que toca ao género, pela observação do gráfico é fácil concluir que a amostra se encontra dividida de forma razoavelmente igualitária, denotando-se uma diferença de apenas 2% entre ambos os sexos. Este facto vai ao encontro das pretensões do nosso grupo que, embora não tenha considerado o género como um fator importante na diversificação de opiniões do nosso estudo e se tenha focado mais na divisão por faixas etárias, por esta mesma ser mais relevante no contexto, tentou dividir a amostra o mais equitativamente possível, de forma a obter resultados mais representativos face à população.

Gráfico 2: Amostra por faixa etária. N=250



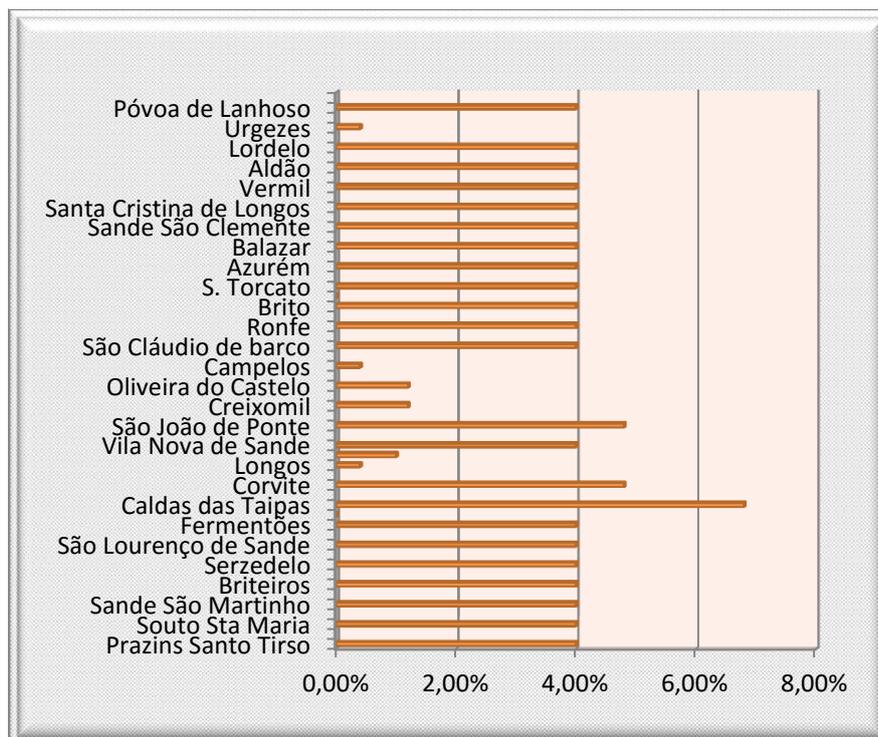
Como podemos observar pelo gráfico acima representado, a nossa amostra encontra-se também bastante uniformemente dividida no que toca à faixa etária, o que constituía também um objetivo do nosso grupo. A faixa etária dos 67 e mais anos corresponde à moda, sendo a que apresenta maior percentagem face às restantes. A razão do maior número de entrevistados presentes nesta faixa etária, deve-se ao facto de o nosso grupo pretender encontrar, entre a população vimaranense, descendentes de ex-combatentes, pretensão que seria mais provavelmente conseguida se fossem entrevistados indivíduos com idade mais avançada.

Gráfico 3: Amostra por grau académico. N=250



Pela análise do gráfico supra apresentado, constatamos que o grau académico mais comum entre os inquiridos, com uma representatividade de 34,40%, é o 1.º ciclo (4.º ano de escolaridade), seguido de perto pelo ensino secundário com uma percentagem de 32,80%. Com menor notoriedade encontram-se o 2.º ciclo, o 3.º ciclo e o ensino superior, com a percentagem de 12,40%, 9,20% e 11,20%, respetivamente.

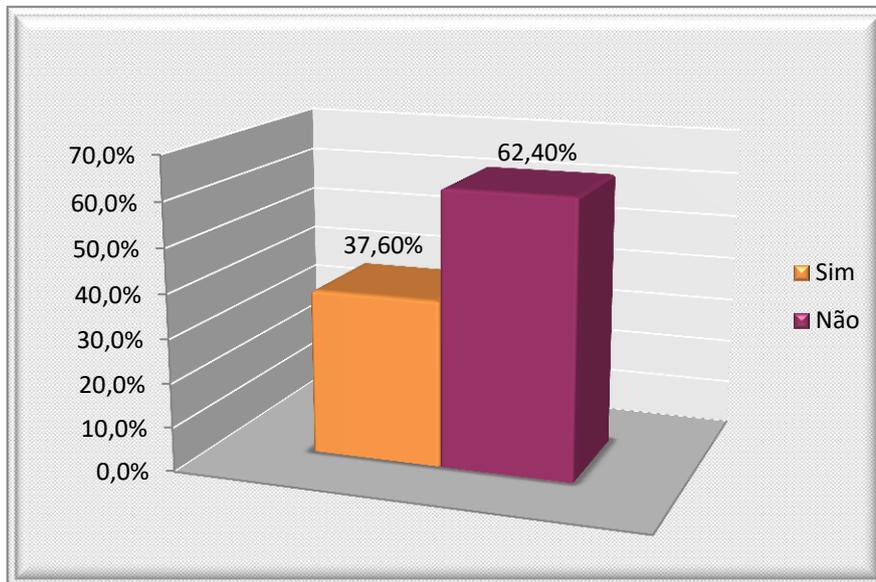
Gráfico 4: Amostra por freguesia de residência. N=250



Relativamente à distribuição da amostra por freguesia de residência, é de notar que todas as freguesias fazem parte do concelho de Guimarães. Esta foi uma pretensão do grupo, uma vez que só faria sentido entrevistarmos pessoas da nossa terra, quando é um evento da nossa terra que estamos a estudar. A distribuição dos inquiridos pelas freguesias do concelho fez-se de forma bastante uniforme, devido ao facto de 23 dos nossos postos de controlo serem freguesias e, como tal, a maioria e em alguns casos a totalidade dos entrevistados, residir nessa mesma freguesia onde lhe era feita a entrevista. A existência de freguesias que não fazem parte dos nossos postos de controlo justifica-se pelo facto de também terem sido realizados inquéritos na Escola Secundária de Caldas das Taipas e no Tournal, sendo que, em ambos estes postos de controlo, foi possível entrevistar indivíduos de outras freguesias.

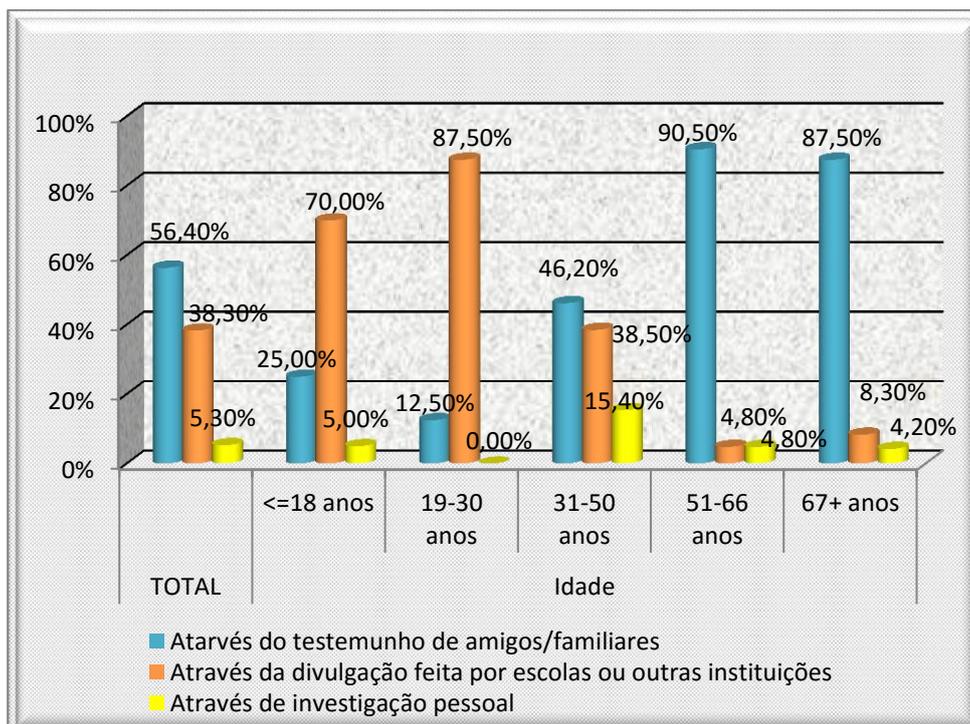
Análise das questões

Gráfico 5: Percentagem de conhecimento relativo à participação de Guimarães na Primeira Guerra Mundial. N=250



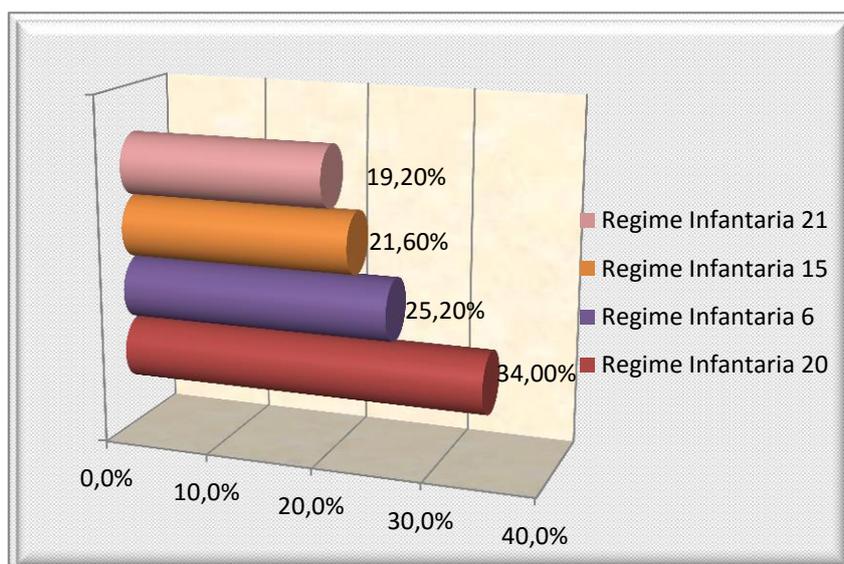
O nosso primeiro objetivo passava por saber até que ponto os vimaranenses estão familiarizados com o envolvimento da sua própria terra na Primeira Guerra Mundial. Como podemos verificar no gráfico acima, a maioria (62,40%) das pessoas afirmou não ter qualquer conhecimento sobre o assunto, respondendo assim negativamente ao nosso primeiro objetivo.

Gráfico 6: Forma de recolha de conhecimento relativo ao envolvimento de Guimarães na Primeira Guerra Mundial. N=94



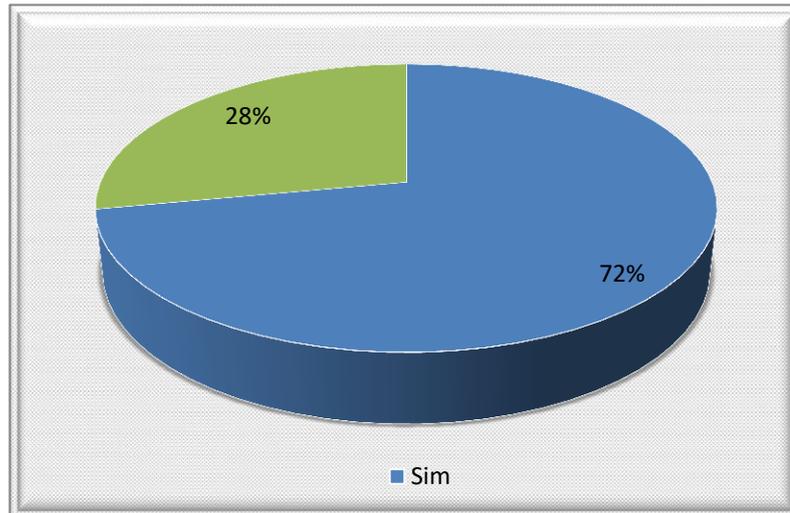
Outra das nossas pretensões passava por saber como é que os indivíduos que afirmaram ter conhecimento relativo ao envolvimento de Guimarães na Grande Guerra, o adquiriam. Pelo gráfico acima apresentado, é possível observar que a maioria das pessoas, 56,4%, obteve conhecimento através do testemunho de amigos e/ou familiares e apenas 5,30% das pessoas se sentiram interessadas o suficiente para investigarem autonomamente o tema. É ainda importante realçar que a forma de obtenção de conhecimento varia muito conforme as gerações. Assim, nas faixas etárias mais jovens, o conhecimento relativo à participação de Portugal na Primeira Guerra Mundial foi obtido primordialmente através da divulgação feita por escolas e/ou outras instituições, enquanto que, nas faixas etárias mais elevadas, predomina o conhecimento obtido através do testemunho de amigos e/ou familiares. Este facto poderá dever-se ao baixo nível de escolaridade das faixas etárias mais elevadas e ao facto de serem as pessoas mais idosas que poderão efetivamente ter tido antepassados que participaram na Grande Guerra e como tal, conhecerem histórias que passam nas famílias de geração em geração.

Gráfico 7: Nome da unidade militar correspondente à cidade de Guimarães, que integrou o CEP (1914-1918). N=250



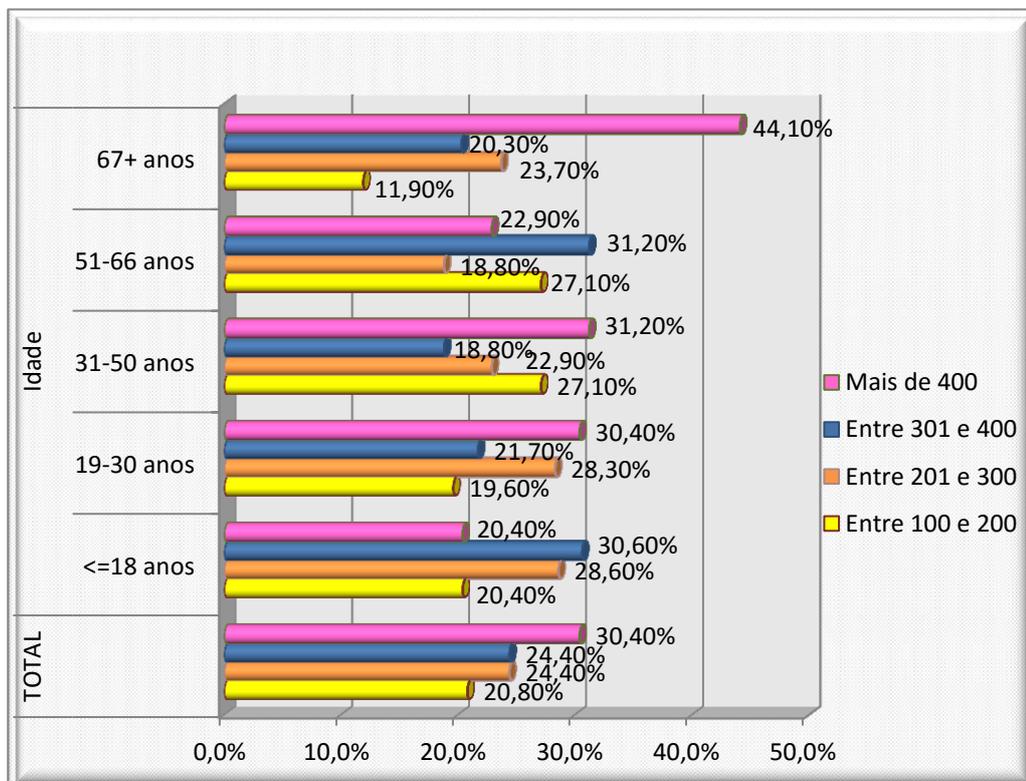
Com esta pergunta, o nosso grupo pretendia testar o conhecimento que efetivamente os inquiridos possuíam relativamente à participação da sua cidade na Grande Guerra. Pela análise dos dados, podemos concluir que 34% dos inquiridos conhece o nome da unidade militar vimaranense que integrou o CEP no período referido. Porém a soma das percentagens das restantes unidades militares, que se encontravam erradas no contexto da pergunta, mostram que mais do dobro dos inquiridos (66%) não conhece o Regimento de Infantaria número 20 e não o associa à cidade de Guimarães.

Gráfico 8: Percentagem de interesse relativo à participação dos soldados de Guimarães na Primeira Guerra Mundial. N=250



Queríamos saber se os vimaranenses sentem interesse ou curiosidade em saber como foi a participação dos soldados de Guimarães na Primeira Guerra Mundial. Pela análise do gráfico, é fácil constatar que a grande maioria, 72% dos inquiridos, respondeu afirmativamente à nossa questão, levando-nos a concluir que a maioria dos vimaranenses considera este tema importante e gostaria de saber mais sobre ele.

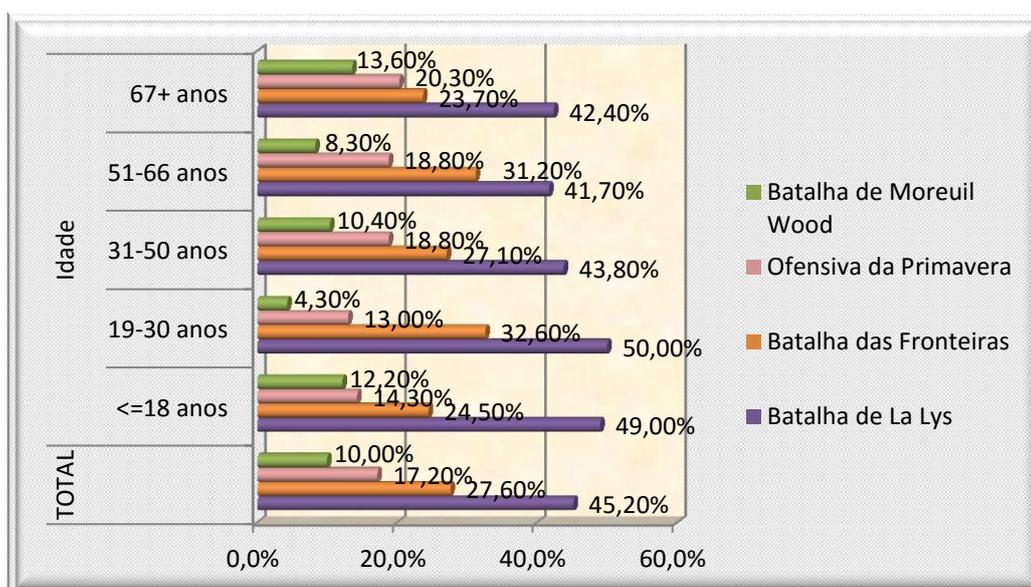
Gráfico 9: Aproximadamente quantos soldados vimaranenses integraram o CEP? N=250



Pedimos aos vimaranenses que nos dissessem, aproximadamente, quantos soldados provenientes de Guimarães teriam integrado o CEP. O objetivo era saber se os vimaranenses

têm noção da elevada representatividade que a nossa terra teve na Primeira Guerra Mundial. Mais uma vez aqui notamos que as respostas diferem muito consoante a idade dos inquiridos. Assim, é curioso constatar que na faixa etária dos <=18 anos e dos 51-66 anos, apenas 20,4% e 22,9%, respetivamente, têm noção que foram mais de 400 os soldados vimaranenses a integrarem o CEP. E é na faixa etária dos 67 e + anos que se destaca o elevado número de respostas certas, com 44,10% dos indivíduos a afirmarem que foram mais de 400 e só uma pequena minoria, 11,9%, a considerar que foi um número compreendido entre 100 e 200.

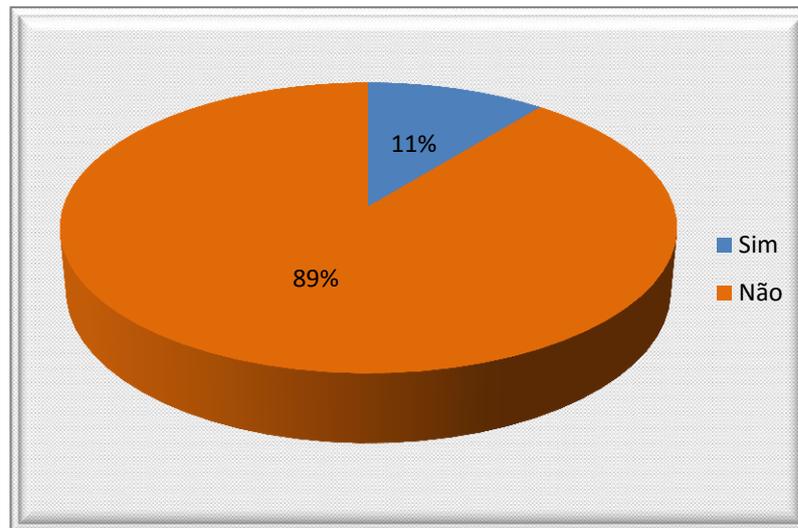
Gráfico 10: Qual o nome da batalha que vitimou a maioria dos soldados vimaranenses? N=250



Quando olhamos para o TOTAL das respostas, o número de inquiridos que conhece a enorme representatividade de Guimarães no conflito é relativamente elevada (30,40%). Contudo, se somarmos as percentagens das respostas erradas, é fácil perceber que a maioria da população desconhece a realidade. É de realçar ainda que 20,80% da população vimaranense pensa que não houve um número notável de soldados de Guimarães na Grande Guerra.

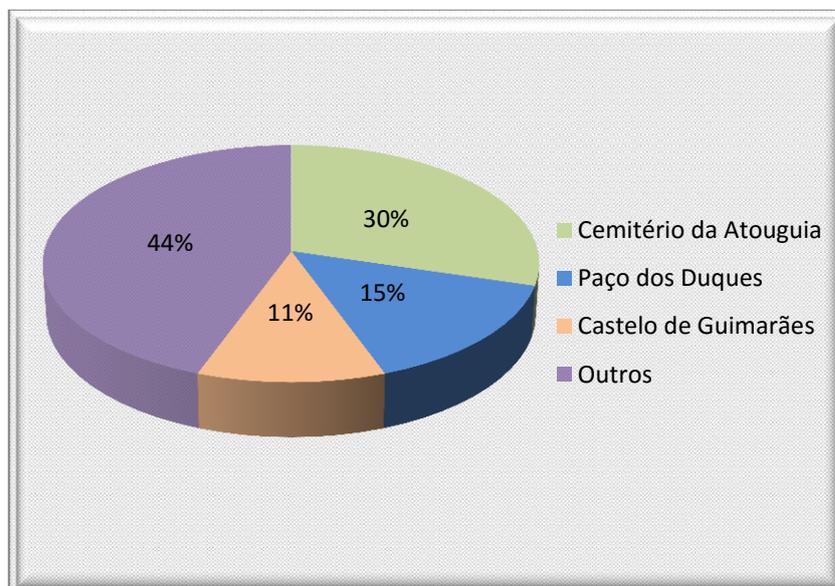
Este gráfico resulta da análise dos dados de outra questão, que ainda se prende com o nosso objetivo de avaliar o grau de conhecimento dos inquiridos relativamente à participação de Guimarães na Grande Guerra. A Batalha de La Lys foi a opção mais popular em todas as faixas etárias e em ambos os sexos; todavia, mais uma vez é de notar que as restantes opções, erradas no contexto da pergunta, obtiveram uma percentagem considerável de votos e somadas, resultam num total superior à percentagem de votos da opção correta – Batalha de La Lys. Esta situação só não se verifica na faixa etária dos 19-30 anos de idade, em que 50% dos inquiridos sabia a resposta correta e os restantes 50% não sabia a resposta correta.

Gráfico 11: Sabe onde se localiza o memorial aos combatentes de Guimarães que participaram na Primeira Guerra Mundial? N=250



Com o intuito de descobrir o grau de envolvimento de Guimarães no que diz respeito a homenagear os seus ex-combatentes, perguntamos à nossa amostra se sabia a localização do memorial erguido aos combatentes de Guimarães que participaram na Primeira Guerra Mundial. A esmagadora maioria, 89% dos inquiridos, respondeu negativamente à nossa pergunta, levando-nos a considerar que a inauguração desta lápide no Cemitério da Atougua não foi feita com a cerimónia e aparato que lhe era merecida, sendo assim reduzida à banalidade e à desconsideração.

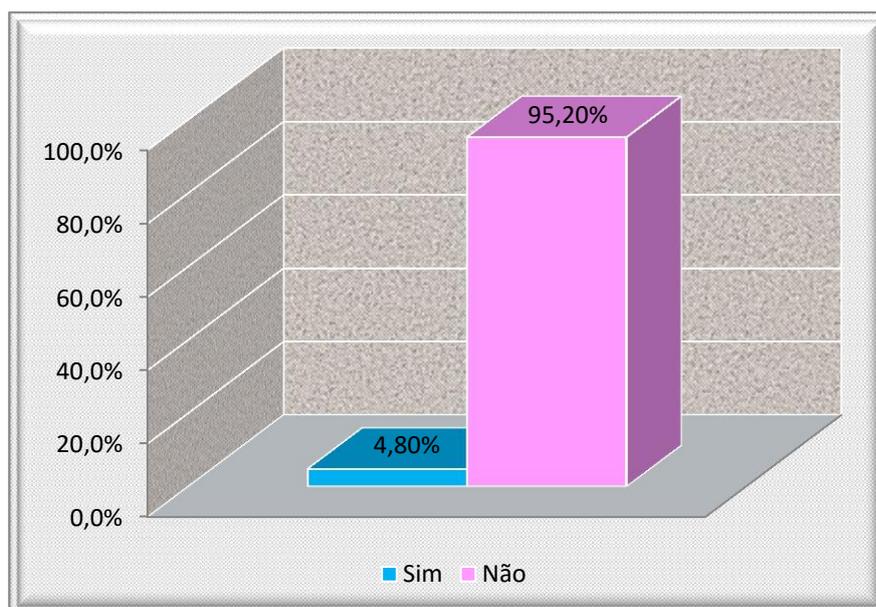
Gráfico 12: Localização do memorial. N=27



Aos indivíduos que nos disseram saber onde se localiza o memorial, pedimos, em resposta aberta, que nos indicassem o respetivo local, com o intuito de saber até que ponto o seu conhecimento era válido. Das respostas obtidas, é de realçar que apenas 30% dos

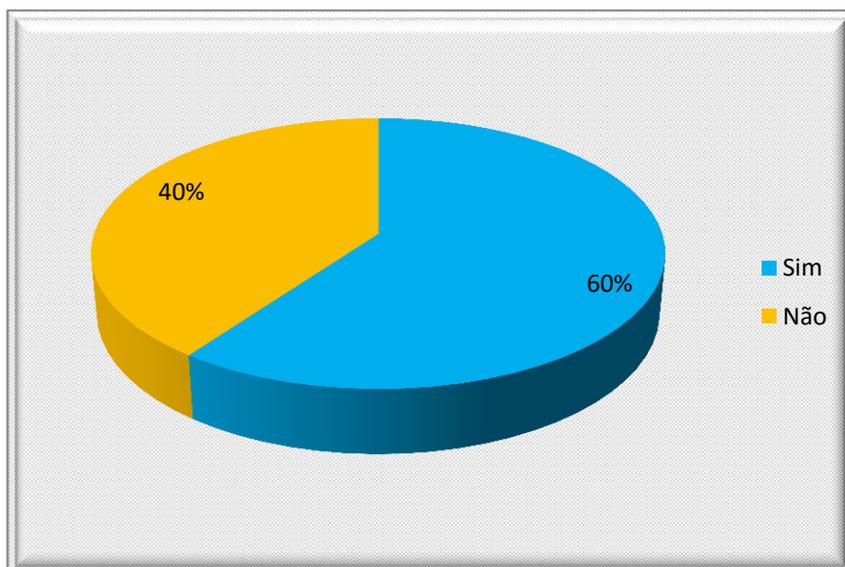
inquiridos sabia a localização exata do memorial, denotando-se que os restantes 70% se encontravam equivocados no seu conhecimento. 15% dos indivíduos julga que a lápide ainda se encontra no Paço dos Duques de Bragança, onde efetivamente esteve numa fase inicial, o que, mais uma vez, nos leva a concluir que a sua deslocalização foi feita sem qualquer tipo de notoriedade. De salientar ainda que 44% das respostas da amostra variaram entre diversas localidades distintas, desprovidas de veracidade no contexto em que se encontram.

Gráfico 13: Dos seus antepassados sabe se algum elemento participou na Primeira Guerra Mundial? N=250



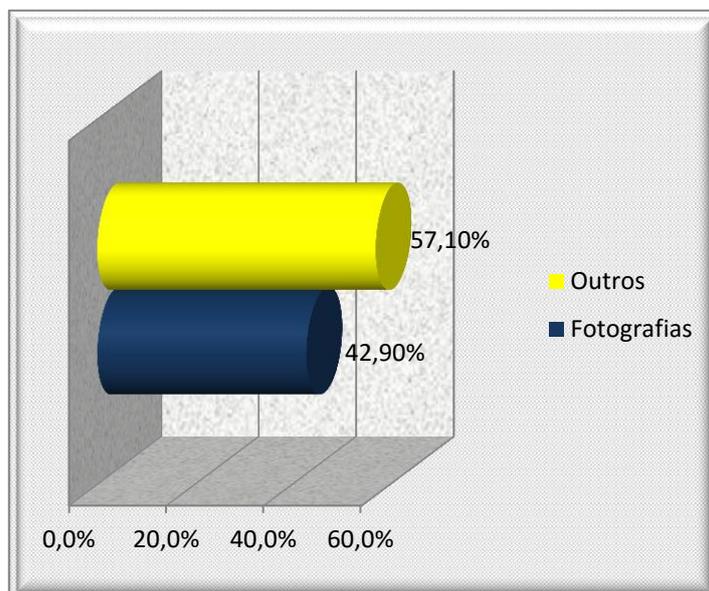
A penúltima questão do nosso inquérito prendia-se com o nosso objetivo de tentar descobrir, na população vimaranense, familiares de ex-combatentes. Dentro das 250 pessoas que constituíram a nossa amostra, foi-nos possível conhecer 12 pessoas, resultando numa percentagem de 4,80%, que tiveram na família alguém a combater na Primeira Guerra Mundial.

Gráfico 14: Percentagem de indivíduos que guardam consigo algum testemunho da participação do seu familiar na Primeira Guerra Mundial. N=12



Aos inquiridos que nos responderam possuir na família um ex-combatente da Primeira Guerra Mundial, perguntamos se guardavam consigo algum testemunho, com o intuito de perceber se as gerações atuais conservam consigo a memória dos soldados seus familiares. Pela análise do gráfico anterior, podemos concluir que a maioria, 60%, guarda junto a si algum tipo de testemunho, enquanto, 40% apenas possui a memória, ou histórias, como lembrança.

Gráfico 15: Tipo de testemunho guardado pelos entrevistados. N=7



Para os inquiridos que nos disseram guardar algum testemunho da participação dos seus familiares na Primeira Guerra Mundial, quisemos saber qual. As respostas divergiram muito, encontrando-se na percentagem de 57,10% elementos como cadernetas militares, máscaras de gás e fardas. 42,9% dos indivíduos tem na sua posse fotografias.

Principais conclusões

Após a recolha, apresentação e análise dos dados, cabe-nos agora estabelecer as devidas conclusões, lembrando os nossos objetivos e ideias iniciais.

Foi com o intuito de tentar perceber o que é que os vimaranenses sabem relativamente ao envolvimento da sua terra no conflito conhecido como a Grande Guerra que dirigimos as primeiras perguntas do nosso questionário. Percebemos que mais de metade dos vimaranenses não tem qualquer tipo de conhecimento sobre o assunto; no entanto, testemunhamos ainda que a maioria considera este tema interessante.

Isto acaba por ser um paradoxo, mas leva-nos a pensar que, como o assunto foi lembrado e mostrado às pessoas, estas consigam reconhecer a sua importância e mostrem curiosidade em o aprofundar. Sentimos, antes da nossa intervenção, que este teria sido um tema pouco abordado, cuja importância nunca foi sublinhada e cuja informação é escassa e não tão acessível como deveria ser.

Esta nossa teoria é comprovada pelo facto de, a maior parte das pessoas, que afirma possuir conhecimento sobre o tema, pertencer a faixas etárias mais envelhecidas e pelo facto de a primordial fonte de conhecimento ter sido o testemunho de amigos/familiares que tenham eventualmente estado na Grande Guerra ou conhecido alguém que lá esteve, fazendo passar as histórias do conflito de geração em geração. A percentagem de conhecimento obtido por escolas ou outras instituições é insatisfatória, levando-nos a deduzir que é fundamental promover ações de divulgação e diálogo sobre o tema, afinal estamos a falar da cultura da nossa terra, do nosso país e do mundo!

O nosso questionário prosseguiu, com o objetivo de saber mais concretamente o que é que os vimaranenses sabem relativamente à sua história. Nas seguintes perguntas: *Qual o nome da unidade militar, correspondente à cidade de Guimarães que integrou o CEP?; Aproximadamente quando soldados vimaranenses integraram o CEP? e Qual o nome da batalha que vitimou grande parte dos soldados vimaranenses?* – foi notória a ignorância face ao Regimento de Infantaria número 20 e ao seu percurso durante a Grande Guerra. A soma das percentagens das opções incorretas acabou por atingir valores acima dos 50% nas três questões, sobrepondo-se sempre à percentagem da resposta correta.

Voltados para o objetivo de saber que tipo de papel Guimarães tem desempenhado no que diz respeito a enaltecer a memória dos seus soldados, questionamos a nossa amostra sobre a existência de um memorial com o fim de honrar os soldados do 20. Este memorial é uma lápide com o nome de *(alguns)* antigos heróis e que se encontra atualmente no Cemitério da Atouguia, em Guimarães. A maioria dos vimaranenses nunca tinha ouvido falar da sua existência e não sabia a sua

localização. De notar ainda que daqueles que sabiam da existência do memorial, grande parte encontrava-se equivocada quanto à sua localização.

Estes resultados não nos deixaram muito contentes e vieram confirmar a ideia que já tínhamos obtido no decurso da escrita do Enquadramento Teórico do Estudo, quando verificamos a falta de informação relativamente à transferência da lápide do Paço dos Duques de Bragança para o Cemitério da Atouguia. Guimarães não tem, efetivamente, desenvolvido um trabalho ativo no que toca a divulgar os feitos do seu antigo Regimento e manter viva a memória dos seus soldados.

Era também nossa pretensão saber até que ponto o “sangue” de antepassados da Grande Guerra ainda se encontra por entre a população vimaranense. Tínhamos, por isso, como desejo conseguir encontrar descendentes de ex-combatentes que nos pudessem ajudar a pôr um nome e uma cara nestes Soldados Desconhecidos do 20.

A sorte esteve do nosso lado e, das 250 pessoas que entrevistamos, foi-nos possível encontrar 12 que tiveram, na família, um combatente na Grande Guerra. Porém, a maioria destas pessoas apenas sabia dessa existência mas, desconhecia o nome do seu familiar.

Na penúltima pergunta do nosso questionário *“Guarda consigo algum testemunho da participação do seu ente-querido na guerra?”* obtivemos uma resposta bastante positiva, denotando-se como testemunho mais comum, guardado pelos inquiridos, as fotografias.

Tentamos obter prova destes testemunhos e recolher histórias destes soldados; porém, para além do Sr. Carlos Sousa, que não tendo tido um familiar como antigo combatente, nos falou do seu amigo Álvaro Machado, apenas nos foi possível encontrar 4 descendentes que nos puderam fornecer informação concreta. Esta informação, constituída por fotografia e uma breve biografia, encontra-se no Enquadramento Teórico do Estudo, assim como, a informação peculiar acerca do Regimento de Infantaria 20, cumprindo assim o nosso objetivo de mostrar as características particulares dos nossos soldados e evidenciar o seu comportamento durante o conflito.

Claro que inerente a todos estes objetivos e como estrela-guia durante toda a elaboração do trabalho, encontrava-se o grande sonho de fazer honrar a memória dos soldados da nossa terra. Ao longo de todas estas páginas deixamos a nossa pequena homenagem, com todas as pessoas que entrevistámos, com a nossa comunidade escolar que se envolveu no projeto, com a nossa família e amigos. Fizemos despertar das cinzas um tema há muito esquecido da memória dos vimaranenses e apresentámos-lhes os soldados do 20. Concluímos este trabalho com o sentimento de missão cumprida, esperando poder proporcionar a quem o ler, tanto conhecimento e enriquecimento, como ele nos proporcionou a nós no decorrer da sua elaboração.

Conclusão

A nossa pesquisa centrou-se na cidade de Guimarães e nos soldados desconhecidos do Regimento de Infantaria 20. Muitos foram os regimentos que integraram o CEP e muitos os homens incógnitos desses muitos regimentos. No entanto, não tardamos a perceber a peculiaridade do nosso 20 que, pela sua garra e resistência, tanto orgulho de sermos vimaranenses nos dá!

O nosso estudo, estando intimamente relacionado com a história, baseou-se nas obras de muitos grandes autores que nos proporcionaram um maior confronto com o tema e conhecimento rigoroso acerca deste. Vale realçar também o importantíssimo contributo de Carlos Sousa que, com o seu vasto conhecimento, nos auxiliou imenso e nos inspirou a querer lembrar os vimaranenses da história e da cultura minhota.

Na fase inicial do nosso projeto, estabelecemos alguns objetivos, mantendo fixa a meta de honrar a memória dos nossos soldados. O principal objetivo passava por evidenciar o grau de notoriedade do conflito entre os vimaranenses, tentando perceber o que é que os habitantes de Guimarães de hoje em dia sabem acerca do antigo Regimento de Infantaria 20.

Pela análise dos resultados, concluímos que realmente o grau de conhecimento é insatisfatório e que, passados 100 anos, pouco tem sido feito para manter viva a memória daqueles que deram a vida por nós. Ao questionarmos as pessoas sobre o interesse do tema, obtivemos uma resposta positiva; no entanto, este foi um assunto adormecido até ao momento da nossa intervenção.

No decurso do projeto, fomos-nos deparando com algumas dificuldades, sendo a principal a necessidade de deslocamento a um número variado de lugares de distâncias consideráveis. Isto verificou-se tanto na fase da escrita do Enquadramento Teórico do Estudo em que, por optarmos por formas de recolha de conhecimento mais tradicionais, nos tivemos de deslocar a reuniões e entrevistas, como na fase de aplicação do pré-teste e dos inquéritos, em que a vontade de querer abranger o maior número de freguesias possível do concelho de Guimarães levou ao mesmo constrangimento.

Assim chega ao fim a nossa missão. A missão de lembrar à humanidade de que somos humanos. Lembrar que cada coração que já parou de bater, um dia, bateu, tal como o nosso, e que há mesmo necessidade de pensar assim profundamente, num mundo em que tudo já é tão superficial.

A morte de “alguém” é sempre a morte de “alguém”, nem que seja a morte de 450 “alguéns”. Vão ser sempre “alguéns”, a não ser que sejam alguém para nós.

Foi com isso em mente vos apresentamos aqui alguns soldados do 20, porque, quer as pessoas o valorizem ou não, eles foram heróis para nós. Neste trabalho ficam tantos nomes e faces quantas nos foi possível conhecer e, para todos os outros que não estão diretamente presentes, aqui fica inerente nestas palavras uma sincera ovação em pé – a todos os desconhecidos do nosso 20 e da nossa cidade de Guimarães! Fica aqui também, bem no final desta jornada, a certeza de que cada ponto final foi escrito *em nome dos soldados da nossa terra!*

Bibliografia

- SAMARA, Maria Alice, fevereiro 2016, *Participação portuguesa, A guerra 100 anos depois*, *Jornal de Notícias*, Porto, suplemento História, p. 68
- MORGADO DOS SANTOS, Manuel Gil; Calvão Santos, Gil Filipe, novembro 2014, *A saga de um combatente na I guerra mundial, de Chaves a Copenhaga*, Âncora Editora, 2ª edição, Lisboa
- OLIVEIRA MARQUES, A. H., março 1986, *História de Portugal*, Vol.III, Palas Editores, Lisboa 1ª edição
- PESTANA MARQUES, Isabel, março de 2008, *Das Trincheiras com Saudade, A vida quotidiana dos militares portugueses na I guerra mundial*, A esfera dos livros, lisboa, 1ª edição
- SOUSA, Carlos. (2015). *O 20 de Guimarães na Primeira Grande Guerra (1914-1918)*. In Boletim de Trabalhos Históricos, Guimarães, Arquivo Municipal Alfredo Pimenta, Série III, Vol IV

Anexos

Primeira Guerra Mundial

Este inquérito está integrado no projeto “NEPSO – Escola Opinião” promovido pela Fundação Vox Populi, em celebração do Centenário da I Guerra Mundial. Foi elaborado por alunos do 11.º ano, do Curso C.H. de Línguas e Humanidades da Escola Secundária de Caldas das Taipas, no âmbito da disciplina de História A.

O estudo tem como objetivos:

- ✓ Evidenciar a notoriedade do conflito entre os vimaranenses;
- ✓ Saber a opinião sobre a evolução do conflito;
- ✓ Conhecer se existe ligação direta ou indirecta entre os inquiridos e os soldados de Guimarães;
- ✓ Honrar a memória dos soldados da nossa terra.

O inquérito é anónimo e agradecemos a sua colaboração.

1. Possui algum conhecimento relativo à participação dos soldados do concelho de Guimarães na Primeira Guerra Mundial?

1 Sim

2 Não

Se respondeu não, passe para a pergunta seguinte. (n.º 2)

- 1.2. Se referiu ter conhecimento diga como o adquiriu, identificando, com um X, a resposta correta.

1 Através de investigação pessoal

2 Através do testemunho de amigos/familiares

3 Através da divulgação feita por escolas ou outras instituições

4 Outro Qual? _____

2. Das seguintes unidades militares, diga qual corresponde à unidade de Infantaria de Guimarães que integrou o Corpo Expedicionário Português.

Identifique, com um X, a resposta que lhe parece correta.

1 Regime Infantaria 6

2 Regime Infantaria 20

3 Regime Infantaria 15

4 Regime Infantaria 21

3. Tem interesse ou sente curiosidade em saber como foi a participação dos soldados de Guimarães na Primeira Guerra Mundial?

1 Sim

2 Não

4. Sabe, aproximadamente, quantos soldados de Guimarães integraram o Corpo Expedicionário Português?

Identifique, com um X, a resposta que lhe parece correta.

1 Entre 100 e 200

2 Entre 200 e 300

3 Entre 300 e 400

4 Mais de 400

5. A 9 de abril de 1918, o Regimento de Infantaria de Guimarães participou numa das batalhas mais sangrentas da Primeira Guerra Mundial, que vitimou praticamente a totalidade dos soldados vimaranenses. Sabe qual o nome desta batalha?

Identifique, com um X, a opção que lhe parece correta.

1 Batalha de La Lys

2 Batalha das Fronteiras

3 Ofensiva da primavera

4 Batalha de Moreuil Wood

6. A Primeira Guerra Mundial ocorreu há cem anos. Sabe onde se localiza o Memorial aos combatentes de Guimarães que participaram nesta guerra?

1 Sim

2 Não

6.1. Se respondeu sim, indique onde se localiza: _____

7. Dos seus antepassados familiares, sabe se algum elemento participou na Primeira Guerra Mundial?

1 Sim

2 Não

7.1. Se respondeu sim, indique o seu nome: _____

7.2 Guarda consigo algum testemunho da participação do seu familiar na Primeira Guerra Mundial?

1 Sim

2 Não

7.2.1 Se respondeu sim, indique qual: _____

DADOS PESSOAIS

Sexo: 1 Feminino 2 Masculino

Idade: _____ anos

Freguesia: _____

Grau Académico: 1 1.º ciclo (4.º ano)

2 2.º ciclo (6.º ano)

3 3.º ciclo (9.º ano)

4 Ensino Secundário

5 Ensino Superior

Primeira Guerra Mundial

Este inquérito está integrado no projeto “NEPSO –Escola Opinião” promovido pela Fundação Vox Populi, em celebração do Centenário da I Guerra Mundial. Foi elaborado pelos alunos do 11º ano, do Curso C.H de Línguas e Humanidades da Escola Secundária de Caldas das Taipas, no âmbito da disciplina de História A.

O estudo tem como objetivos:

- ✓ Honrar a memória dos soldados da nossa terra;
- ✓ Saber se os soldados vimaranenses foram e são devidamente homenageados pela nossa cidade;
- ✓ Perceber o grau de conhecimento que os vimaranenses possuem relativamente ao envolvimento da sua cidade na Grande Guerra.

O inquérito é anónimo e agradecemos a sua colaboração.

Dados pessoais:

Sexo: Feminino Masculino

Idade: _____

Freguesia: _____

1. Como classificaria o conhecimento que possui acerca do papel dos vimaranenses na Primeira Guerra Mundial?

- Muito conhecimento
- Algum Conhecimento
- Pouco Conhecimento
- Nenhum conhecimento

1.2 Como adquiriu esse conhecimento?

- Através de Investigação autodidata
- Através do testemunho de amigos/familiares
- Através da divulgação feita por escolas/ outras instituições
- Outro Qual? _____

2. Sente curiosidade pelo tema da participação dos nossos soldados na Guerra?

Sim

Não

3. Qual o nome do Regimento de Infantaria de Guimarães que integrou o CEP?

Regime Infantaria 6

Regime Infantaria 20

Regime Infantaria 15

Regime Infantaria 21

4. Aproximadamente quantos soldados vimaranenses integraram o CEP?

Entre 100 e 200

Entre 200 e 300

Entre 300 e 400

Mais de 400

5. Em que batalha foi derrotada a Brigada do Minho?

Batalha de La Lys

Batalha das Fronteiras

Ofensiva da Primavera

Batalha de Moreuil Wood

6. Tem conhecimento cerimónias realizadas em Guimarães com o fim de honrar a memória dos combatentes da Guerra?

Sim

Não

7. Alguma vez visitou uma exposição ou participou em alguma cerimónia alusiva à 1ª Guerra Mundial?

Sim Onde? _____

Não

8. Caso se realizasse alguma cerimónia com o fim de honrar a memória dos combatentes da nossa terra, consideraria a mesma:

- Muito interessante
- Meramente interessante
- Pouco interessante
- Nada interessante

9. Considera que os combatentes da nossa terra foram e são homenageados de acordo com o respeito que merecem?

- Sim
- Não

10. Considera importante relembrar e honrar a memória dos nossos soldados?

- Sim
- Não

11. Considera que a Bandeira do Regimento de Infantaria de Guimarães deveria estar disponível para ser observada pelos vimaranenses?

- Sim
- Não

12. Tem conhecimento da existência de um memorial aos combatentes da nossa terra que participaram na 1ª Guerra?

- Sim
- Não

12.1 Se respondeu sim, sabe onde se localiza?

- Sim
- Não

13. Como consideraria o conhecimento possuído pela generalidade dos vimaranenses, acerca da participação dos nossos soldados na 1ª Guerra?

- Muito elevado
- Elevado
- Pouco Elevado
- Inesistente

14. Teve contacto direto ou indireto com algum soldado vimaranense da 1ª Guerra Mundial?

Sim

Não

15. Guarda consigo algum tipo de testemunho da participação do seu ente querido na Guerra?

Sim

Qual? _____

Não

16. O nome do seu ente querido consta no Memorial erguido aos combatentes?

Sim

Não

Não tenho conhecimento da existência de um Memorial

Não sei

